

N.º 9 ★ 1-3-51

Cr$ 3,00

em todo o Brasil

A CENA muda

RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
NOVIDADES



NO TEXTO:

SILVANA MANGANO
NO RIO DE JANEIRO

(Reportagem)

Sapatos que seus filhos adoram!

INSINUANTE

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA **GELADINHA** AS SUAS ORDENS :



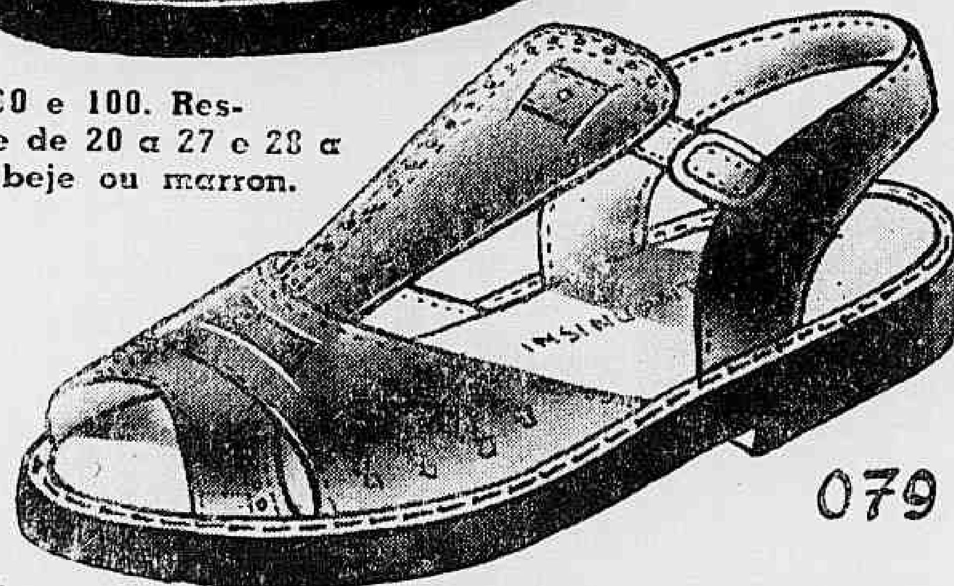


077 Cr$ 70,00 — 75,00 e 95,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Tôdas as côres.



078

078 Cr$ 85,00 e 100. Respectivamente de 20 a 27 e 28 a 33. Branco, beje ou marron.



079 Cr$ 50,00 — 72 00 e 75,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Diversas côres.
Remetemos para todo o Brasil. Porte 3 cruzeiros por par.
Não trabalhamos com reembôlso.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 - SETE de SETEMBRO, 199-201



«Arroz amargo» e «arroz doce». Nota para evitar confusão: o «arroz doce» é o repórter.

ENFIM, SÓS...

NO RIO SILVANA MANGANO, MISS ITÁLIA E ATRIZ DE CINEMA ★ SENSUALISMO E "SEX-APEAL" QUE NÃO APARECEM NA VIDA REAL ★ A MULHER, ESSA DESCONHECIDA ★ A FÔRÇA DA PUBLICIDADE E A CURIOSIDADE INSATISFEITA DO PÚBLICO ★ PERNAS PROIBIDAS ★ CRÍTICA SEVERA ★ INCOMPREENSÕES EM TÔRNO DE UM COQUETEL ★ SORRISOS RACIONADOS ★ RIO AMARGO.

Reportagem de **leon eliachar**

(Fotos MAFRA e ART-FILMS)

GERALMENTE, quando se anuncia a chegada de um astro ou estrêla ao Rio de Janeiro, o público já está farto de conhecê-lo através de seus filmes. Resta a satisfação de matar a curiosidade de vê-lo em carne-e-osso. Silvana Mangano foi um caso raro. O público só iria conhecê-la na tela no mesmo instante em que a conhecesse pessoalmente, pois seu filme — "Arroz Amargo" — seria lançado simultâneamente com a sua presença. Uma onda fora do comum foi gerada em tôrno de seu nome, tendo sido iniciada na Europa e se alastrado até ao Brasil. Silvana passou a figurar ao lado das mais famosas estrêlas de cinema de todo o mundo, ocupando insistentemente os noticiários dos jornais. O ângulo mais explorado foi, indiscutivelmente, o sensualismo de seu corpo esbelto, sua figura de mulher linda e tentadora, seu "charm", seu "sex-apeal", seus contornos estonteantes que lhe granjearam o titulo de "Miss Itália de 1948". Estava consagrada. Alguns criticos americanos mais audaciosos chegaram a encontrar nela traços de Lana Turner, Ingrid Bergman e Rita Hayworth. Fotografias de todos os tipos e tamanhos foram estampadas em jornais e revistas, onde se explorava, com extrema malicia, o contôrno de suas pernas provocantes, o seu busto atrevido e sedutor. Uma expectativa foi-se formando em tôrno de sua chegada, pois todos queriam conhecer "a mais bela da Itália", a mulher que vinha provocando comentários de tôda espécie e que era mais discutida do que a Bomba-Atômica...

★

A chegada de Silvana estava marcada para o dia 15 de fevereiro, mas houve um ligeiro atraso e a data foi mudada para o dia 16, às 5,30 da tarde, num avião procedente de Roma. Outro imprevisto comum nessas linhas aéreas que cobrem grandes distâncias, fêz com que o avião de Silvana permanecesse oito horas em Recife — e ela aqui desembarcou na madrugada do dia 17. Apesar da hora avançada, grande número de entusiastas se aglomerou no aeroporto, com a ansiedade sonolenta de "ver de perto" a tão famosa artista, cuja beleza era amplamente divulgada. Ao descer a escadinha do avião, os primeiros "flashes" estouraram na escuridão da noite. Devido a uma viagem acidentada e extremamente exaustiva, a estrêla nem sequer podia sorrir. Seu marido, o produtor De Laurentis, que a acompanha, prometeu que ela sorriria mais tarde, quando se refizesse da viagem, depois de algum repouso. Jornalistas e algumas dezenas de fãs tiveram a primeira decepção. Não se conformaram com o aspecto cansativo da atriz, e sua beleza fisica não estava tão próxima das fotos utilizadas na propaganda. Contudo, admitiam que se tratava realmente de uma mulher bonita, de uma beleza simples e vulgar. Passaria despercebida em qualquer lugar. Mas... que esperavam, afinal? Que Silvana Mangano viesse metida dentro de um bikini, fazendo os mesmos trejeitos que lhe foram impostos pelo diretor Giuseppe de Santis no filme "Arroz Amargo"?...

★

Longe do ruido ensurdecedor e incontrolável dos fãs mais entusiastas, procuramos a atriz no Hotel Miramar, onde se hospedara. Em verdade, não esperávamos ver

Roma, febbraio 1951

Caro Leon,

desidero comunicarle che sto con un prossimo viaggio marcato fino a Rio de Janeiro. Come representante di "A CENA", rivista specializzata in cinema e molto concettuata qui in Italia, mi piacerebbe che lei mi fosse ricevere nell aeroporto (noti: mio marito mi accompagna). Rimarró costí alcuni giorni, daró intervista ai giornalisti durante un "cock-tail", appariró nei cinema nelle esibizioni di "Riso Amaro", ecc. A proposito, porto con me un pacchetto di riso del proprio filme, specialmente per lei. Per suo intermezzo faccio i miei piú sinceri ringraziamenti alla popolazione carioca, per l'entusiasmo manifestato al vedermi personalmente (o sará stato per causa delle mie gambe?).

Ringraziando anticipatamente la sua presenza,

sempre sua

Silvana Mangano

«Fac-simile» da carta recebida pelo repórter. Tradução simplificada: Vou p'ro Rio, me espera, meu marido também vai. Agradeço ao interêsse dos fãs cariocas em ver-me (ou êles só querem ver minhas pernas?) Resposta: para bom entendedor, meia perna basta.

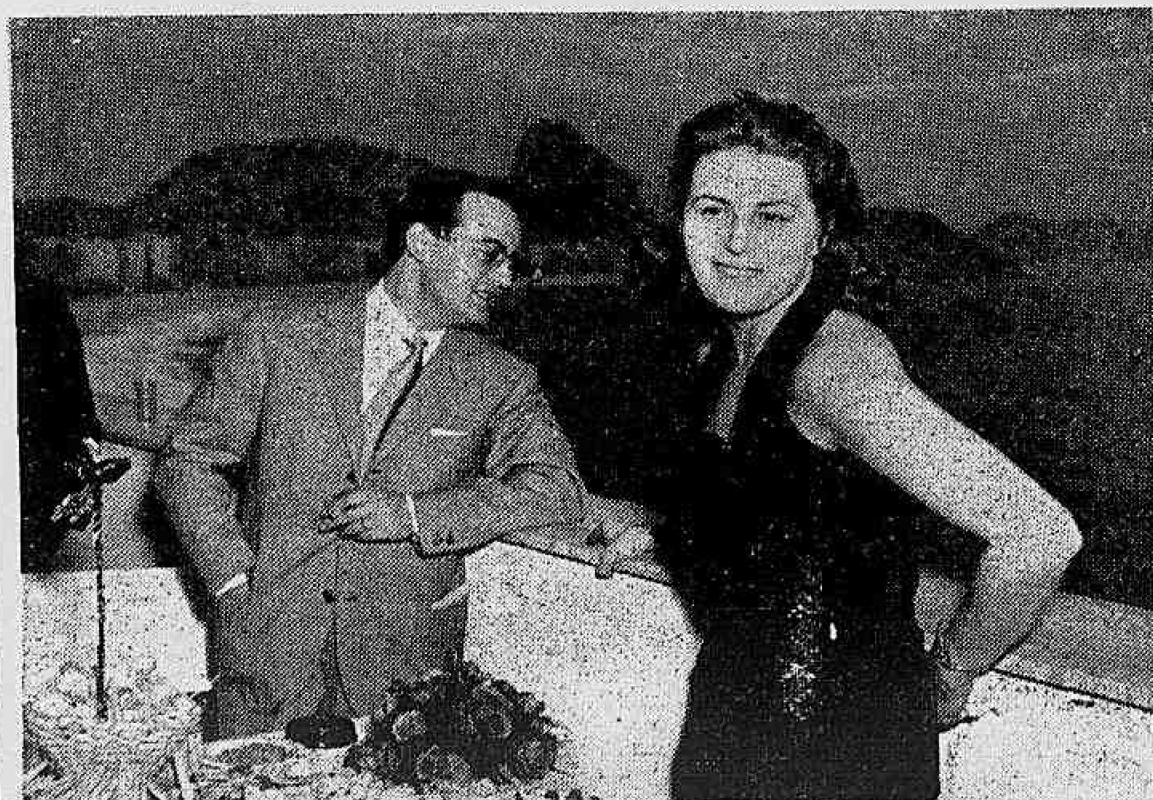


Silvana disse que vinha na quinta. Houve atraso e ela ficou em Recife oito horas. Transferiu a chegada para sexta, às 5 horas — mas só chegou à 1 da madrugada de sábado. Resolvemos dormir e aguardar seu telefonema. O fotógrafo ficou de plantão, como vêem.

uma mulher excepcionalmente bonita, pois sabemos perfeitamente descontar a percentagem de exagêro que acompanham os textos publicitários ao mesmo tempo que damos um ligeiro desconto às fotos publicadas, onde os trajes apropriados e os refletores completam perfeitamente o que lhe pode falar, obtendo um resultado satisfatório completo, como seja: transformar Silvana Mangano numa mulher cem por cento sensual. E isso, está claro, lhe está muito favorecido pelo próprio argumento do filme de De Santis. Acostumados também que estamos aos brotinhos ultracurvilíneos de Copacabana, dificilmente uma mulher, por mais bonita que fôsse, poderia impressionar-nos. A beleza física de Silvana, para onde convergiu tôda a publicidade do filme, só poderia mesmo causar espanto aos fãs ardentes de revistas de segunda categoria, onde se explora o sensualismo barato na ânsia desenfreada de aumentar a tiragem — estagnada pela capacidade intelectual de realizar algo de mais concreto e mais decente. Apesar de não condizer integralmente com a personalidade apresentada no filme, podemos afirmar que Silvana Mangano é uma mulher bonita, apresentando grande afinidade de traços com a atriz Ingrid Bergman. Cabelos vermelhos (talvez pintados), contrastam fortemente com a pele alva (achamo-la mesmo pálida) de seu rosto. Olhos castanhos escuros. Lábios rosados, embora sem pintura. Pareceu-nos uma mulher simples, não muito adepta de maquilagem e de roupas que lhe realcem o encanto físico. Embora sua altura esteja sendo divulgada como 1,75 (e realmente ela parece ser bem alta, pelas fotos) não mede mais de 1,70, apesar do salto alto. E' extremamente delicada e responde a tôdas as perguntas. Sorri muito pouco, mas sorri, quando acha graça — demonstrando com isso que é sincera. Tem dentes bonitos, afilados e naturais. Mantendo-se uma palestra demorada com ela, sabe cativar a simpatia. Não obstante, revela um espirito completamente diverso da personagem que encarna no filme "Arroz Amargo". E é aí, justamente, onde damos valor ao diretor Giuseppe de Santis, conseguindo que ela in-



Silvana não mentiu, seu marido também veio. Trata-se do produtor Dino de Laurentis. Ainda no aéroporto, enquanto Silvana cochilava, seu espôso não dormia no ponto...



Hospedaram-se no Hotel Miramar, em Copacabana, posto cinco e meio. Silvana ficou encantada com a praia, mas não teve coragem de por um maiô para enfrentar o sol... e os fãs!



MAMÃE MANGANO
Casada há dois anos, Silvana tem uma filhinha, Veronica, de um ano de idade. Como vêem, não é apenas seu marido que é um bcm produtor.



FOTO AO NATURAL
19 anos, aparenta 22 ou 23. Cabelos avermelhados, pele branca, pálida. Não usa pintura. E' discreta, delicada, fala pouco. Bonita, contudo.



FOTO DE ESTÚDIO
19 anos, aparenta 17 ou 18. Meiga, sorridente, parece ter os cabelos castanhos-alourados. Olhar suave, sonhador. Tal como aparecerá em «Il Briganti Mussolini».

FOTO DO FILME
19 anos, aparenta 19 mesmo. Viva, sensual. Cabelos castanhos-claros, lábios tentadores. Olhar provocante, malicioso. Pele lisa, fresca. Lembra um pouco Ingrid Bergman - porém, mais sensual

terpretasse tão ousado papel, submetendo-se a tôda prova de sacrifício.

★

Silvana fala pouco e, quase sempre, vigiada por seu marido. Conhece apenas um idioma: o italiano. Comedida nas palavras, não se perde em divagações supérfluas:

— "Nasci em Roma, há 19 anos atrás. Minha mãe era inglêsa e meu pai siciliano. Estudei dança durante sete anos, trabalhei como modêlo num importante magazin romano. Fui eleita miss Roma, em 1948. Até aí, nem sequer pensava em cinema. Um belo dia, quando caminhava displicentemente pela rua, fui abordada por dois cavalheiros que me ofereceram um "test". Tratava-se do produtor De Laurentis e do diretor De Santis. Aceitei. Fui submetida a nova prova e passei, completando, assim, o elenco de "Arroz Amargo", do qual faltava apenas a figura de "Silvana", que interpreto nesse filme."

— Você gostou de ter desempenhado êsse papel?

— "Muito. Foi graças a êle que me tornei hoje uma mulher internacionalmente conhecida."

— Pode nos dizer alguma coisa sôbre o diretor Giuseppe de Santis?

— "Acho Giuseppe um diretor muito bom, mas muito violento. Êle consegue que as cenas saiam de seu agrado, sem se importar com os métodos utilizados. Mas no fim fica satisfeito e fora da filmagem é um bom camarada."

— Como se deu o seu casamento com o produtor De Laurentis?

— "Ninguém sabe explicar ao certo como nasce o amor. Foi du-

(Cont. na pág. 24)

Um momento histórico: Silvana faz a entrega de um pacotinho contendo ar roz do filme ao representante de A CENA. Gostamos mais do seu sorriso, muito raro, aliás. Nota importante: a biografia de Silvana diz que ela mede 1,75. Reparem como o repórter, com apenas 1,70, é um pouquinho mais alto. Será que a medida italiana é diferente?...



PERNAS PROIBIDAS

Eleita "Miss Itália" de 1948, e tendo sido explorado todo o seu sensualismo no filme "Arroz Amargo", motivo que causou todo o seu êxito, Silvana recusou-se a mostrar suas pernas. Talvez imposição de seu marido, que é muito ciumento. "Na tela é arte; fora da tela é falta de vergonha" — teria dito. Mas sempre se dá um jeitinho...



KIRK DOUGLAS

Exclusividade do USIS para A CENA

Por EDWIN MILLER
De «Seventeen»

KIRK Douglas, astro cinematográfico norte-americano, aprendeu bem cedo que, para se conseguir o que se deseja, é preciso trabalhar àrduamente. Nasceu em Amsterdam, no Estado de Nova York, em 9 de dezembro de 1916. Filho de pais russos, foi o único menino em uma família de sete irmãos.

O pai de Kirk trabalhava em uma fábrica e mal ganhava o suficiente para a subsistência sua e de sua família. Kirk lembra-se que em sua casa nunca havia comida suficiente. Sua família considera essencial a um menino receber instrução. Kirk recebeu essa instrução, porque todos os membros da família uniram-se em seus esforços. Kirk sorri quando lembra suas irmãs. A mais idosa ensinou-o a defender-se, mas quando êle atacava uma das outras, era ela quem o espancava. Considerando seu treinamento inicial, o jovem ator observa que sua irmã mais velha provàvelmente suspeitou da veracidade das cenas de luta no filme "Champion". "Ela sempre me vencia nas brigas!" — diz êle.



Kirk freqüentou a escola secundária, diplomando-se no verão de 1934. Tomava parte em tôdas as representações teatrais organizadas na escola. Seu talento dramático era evidente a todos quantos o conheciam na escola.

Para juntar o dinheiro de que precisava a fim de matricular-se no curso pré-universitário, trabalhou durante um ano nos mais diversos empregos. Economizou 180 dólares e escolheu a Universidade St. Lawrence, em Canton, Estado de Nova York, porque possuía uma boa escola dramática. Conservou quase em segrêdo sua ambição de dedicar-se ao teatro.

No outono de 1935, Kirk seguiu a pé para Canton, conseguindo de vez em quando uma "carona" nos automóveis que passavam. O reitor da Universidade St. Lawrence, impressionado pelas suas notas na escola secundária e por sua atitude de determinação, providenciou para que sua matrícula fôsse feita. Durante o período em que freqüentou o curso colegial, sustentou-se trabalhando no estúdio de rádio, em várias divisões do colégio, como guarda salva-vidas, como servente em um hotel vizinho, como caixa, escriturário e guarda-livros.

Douglas era um ótimo estudante. Seu maior interêsse era pela literatura inglêsa e, em seguida, pelos estudos germânicos. Na Universidade St. Lawrence, o único grande esporte era luta livre: Kirk lutou na classe de 155 libras, conquistando invicto o campeonato intercolegial de luta-livre.

Depois de se tornar "campeão", o trabalho tornou-se mais fácil para Kirk, que terminou o colégio, senão com luxo, ao menos com certo confôrto. Contudo, não sobrava dinheiro e nem tempo para namoros.

Um professor de inglês adquiriu profundo interêsse por Kirk. Ainda hoje, a primeira coisa que êsse professor lembra é "o encanto pessoal do menina que conquistava prontamente a amizade de estudantes e professôres".

Percebendo a inclinação teatral de Kirk, êsse professor enviou-o para a Academia Americana de Artes Dramáticas em Nova York. Lá disseram-lhe que voltasse no ano seguinte. Kirk não dispunha de dinheiro para pagar os estudos, mas concordaram em que pagasse quando lhe fôsse possível. Os diretores da academia achavam que não bastava ao estudante possuir habilidade. O estudante deveria ter também estabilidade, ânimo e determinação de progredir. E tudo isso Kirk tinha.

Kirk Douglas ingressou na Academia Americana de Artes Dramáticas no outono de 1939 e diplomou-se em março de 1941. Era considerado apenas como um rapaz quieto e amistoso, que trabalhava àrduamente. Durante sua primeira temporada, conseguia rendimentos adicionais vivendo e lecionando no centro comunal Greenwick Settlement House, em Nova York. Como interno, pagava quarto e pensão. A fim de obter recursos para isso, lecionava em classes noturnas, servindo como instrutor dramático para adolescentes e adultos.

Na temporada seguinte, trabalhou como garção em um restaurante. No verão, obteve um emprêgo para apresentar-se com os Tamarack Players, no Estado de Pensilvânia. Depois de terminada a temporada de verão, voltou ao restaurante no outono. Desta vez, porém, não trabalhou muito tempo como garção. Apareceu pela primeira vez em uma verdadeira peça teatral em Nova York na produção de Guthrie McClintic *Spring Again*, estreada em 10 de novembro de 1941. Seu papel era o de um mensageiro que apenas entrava no palco para entregar um telegrama.

Quando *Spring Again* saiu do cartaz, Douglas obteve finalmente um verdadeiro emprêgo na produção seguinte de McClintic, a peça "Três irmãs", de Chekhov. O papel principal era interpretado por Katharine Cornell, uma das maiores atrizes norte-americanas e espôsa do produtor Guthrie McClintic. Kirk trabalhava como um dos dois assistentes do diretor de cena e também interpretava um pequeno papel. A peça estreou em 21 de dezembro de 1942 e nela Douglas apresentava-se como "uma voz de fora do palco".

Deixou a companhia em 1943 para alistar-se na Marinha dos Estados Unidos. Foi enviado para a Escola de Guarda-Marinha da Universidade Notre Dame, no Estado de Indiana. Depois de graduado, foi destacado para uma base naval no sul dos Estados Unidos. Casou-se então com Diana Dill, que conhecera na Academia Americana de Artes Dramáticas.

Douglas foi ferido em alto-mar e passou algum tempo no Hospital Naval de San Diego, convalescendo dos ferimentos recebidos. Assim que os médicos lhe deram alta, seguiu por via-aérea para Nova York, onde chegou a tempo de aguardar o nascimento de seu primeiro filho, Michael, nascido em 25 de setembro de 1944. Seu segundo filho, Joel, nasceu em 23 de janeiro de 1947.

Pouco tempo depois do nascimento de seu primeiro filho, conseguiu um papel na comédia musical "Kiss and Tell", na qual se apresentava como Tenente Lenny Archer. Depois de breve período de tempo, deixou a companhia para atuar em "Alice in Arms", que saiu do cartaz quase antes de serem publicadas as primeiras críticas na imprensa. Sua oportunidade seguinte foi em "The Wind is Ninety". Quando esta peça foi estreada, o crítico teatral de um jornal de Nova York escreveu: "O mais belo personagem e o melhor interpretado é o do soldado da primeira guerra. E' honesto, franco, divertido e Kirk Douglas interpreta-o muito bem". Finalmente, Kirk havia causado impressão na Broadway, famosa rua em que se centraliza o mundo teatral de Nova York.

Pouco tempo depois, o produtor cinematográfico Hal Wallis ofereceu a Douglas um papel no filme "The Strange Love of Martha Ivers".

— "Contudo — diz Kirk — recusei a oferta. Eu estava começando a atrair atenção no palco e pensei que a prazo longo isso seria mais conveniente".

Na Broadway, porém, os negócios iam mal. Douglas obteve outro papel em uma pequena peça intitulada "Woman Bites Dog", que permaneceu no cartaz apenas quatro noites. Kirk começou a desanimar. Quando não obteve um papel que lhe haviam prometido em "Here Comes Mr. Jordan", telegrafou para Hal Wallis, a fim de saber se ainda estava de pé o oferecimento do produtor cinematográfico. No dia seguinte, voou para Hollywood, capital cinematográfica dos Estados Unidos. Dou-

(*Cont. na pág.* 27)

AMPLIAM-SE AS ATIVIDADES CINEMATOGRÁFICAS NO SUL DO PAÍS



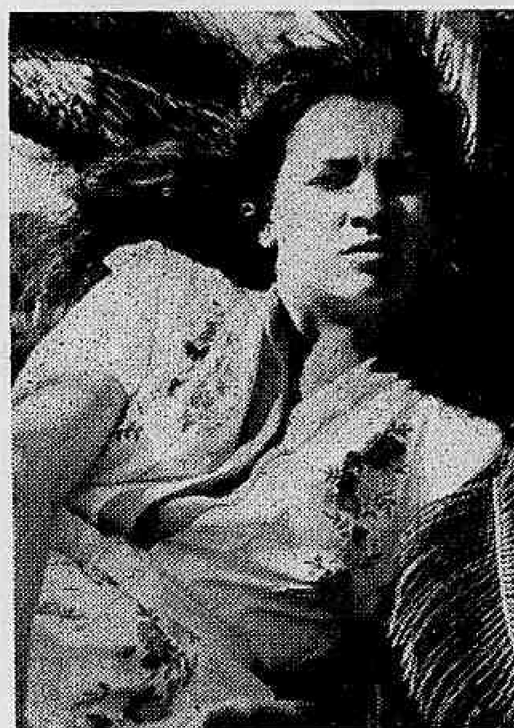
Manoel Tomazoni, veterano cinegrafista, encarregado da direção técnica de filmagem para a gravação de som dos filmes da «Farrapos-Filme».

ALÉM da "Horizonte, cujos trabalhos vimos divulgando por estas páginas, Pôrto Alegre pôde contar agora com mais um estúdio cinematográfico. Trata-se da "Farrapos-Filme", que está iniciando a produção de "Entre Dois Amôres", pelicula num argumento de José I. Picoral, e que vem marcar assim uma nova fase na cinematografia gaúcha, que, como Rio, São Paulo, Minas e Pernambuco, amplia suas atividades cinematográficas. A "Farrapos-Filme" tem um plano de produção organizado a fim de produzir com regularidade peliculas cujos argumentos focalizem coisas e aspectos do Brasil. Se bem que "Entre Dois Amôres" seja uma história ficticia, não deixa, contudo, de apresentar quadros pitorescos e reais dêste nosso Brasil, pois muita coisa será filmada "in location" nas cidades de Rio Grande e São José do Norte, num ambiente praieiro, com cenas autênticas da vida dos pescadores. Para isso, a "Farrapos" já selecionou um grupo de técnicos de capacidade e valor e a estas horas suas câmaras já devem estar rodando seu primeiro filme, cujo resumo do argumento damos a seguir:

"Pedro, nascido e criado no Rio, possuidor de magnifica voz, teve que abandonar, à pressa, sua cidade natal. A bordo, em viagem para o sul, conhece Betina, bela mulher, livre e independente... Ambos ficam tomados de paixão profunda. No pôrto de Rio Grande, Pedro é detido pela Policia, mas para não ser prêso, atira-se ao mar... Betina e as autoridades, julgam-no morto. Todavia, Pedro é salvo por um velho pescador de São José do Norte, em cujo rancho passa a viver e, das relações intimas que mantém com a filha do velho pescador (Luiza), nasce um filhinho...

Sete anos são passados. Pedro se habituara àquela vida solitária. Êle é estimado e querido por todos, principalmente por seu filho, Pedrinho... Os caprichos do destino fazem com que Betina e Pedro se encontrem novamente e desperta no coração de ambos o antigo amor... Pedro está resolvido a abandonar a familia e voltar para o Rio em companhia de sua ex-amante, porém esta, ainda em tempo, resolve sacrificar o seu amor em favor da mulher e do filho... Betina lhe escreve: — Acerquei-me da janela de tua casa... vi o teu filho, vi o quanto o amas e o quanto és amado... li na tua fisionomia as tuas torturas... também ouvi a tua canção e tomei-a como um adeus teu... Pedro, amo-te loucamente, mas é meu dever fugir de ti... procurarei esquecer-te...

E a voz de Pedro ecôa novamente, linda, sublime, na pequena capela do povoado, no domingo da primeira comunhão de seu idolatrado filho... enquanto um navio deixa o pôrto de Rio Grande e a bordo vai uma mulher, de cujos lindos olhos vertem duas lágrimas..."



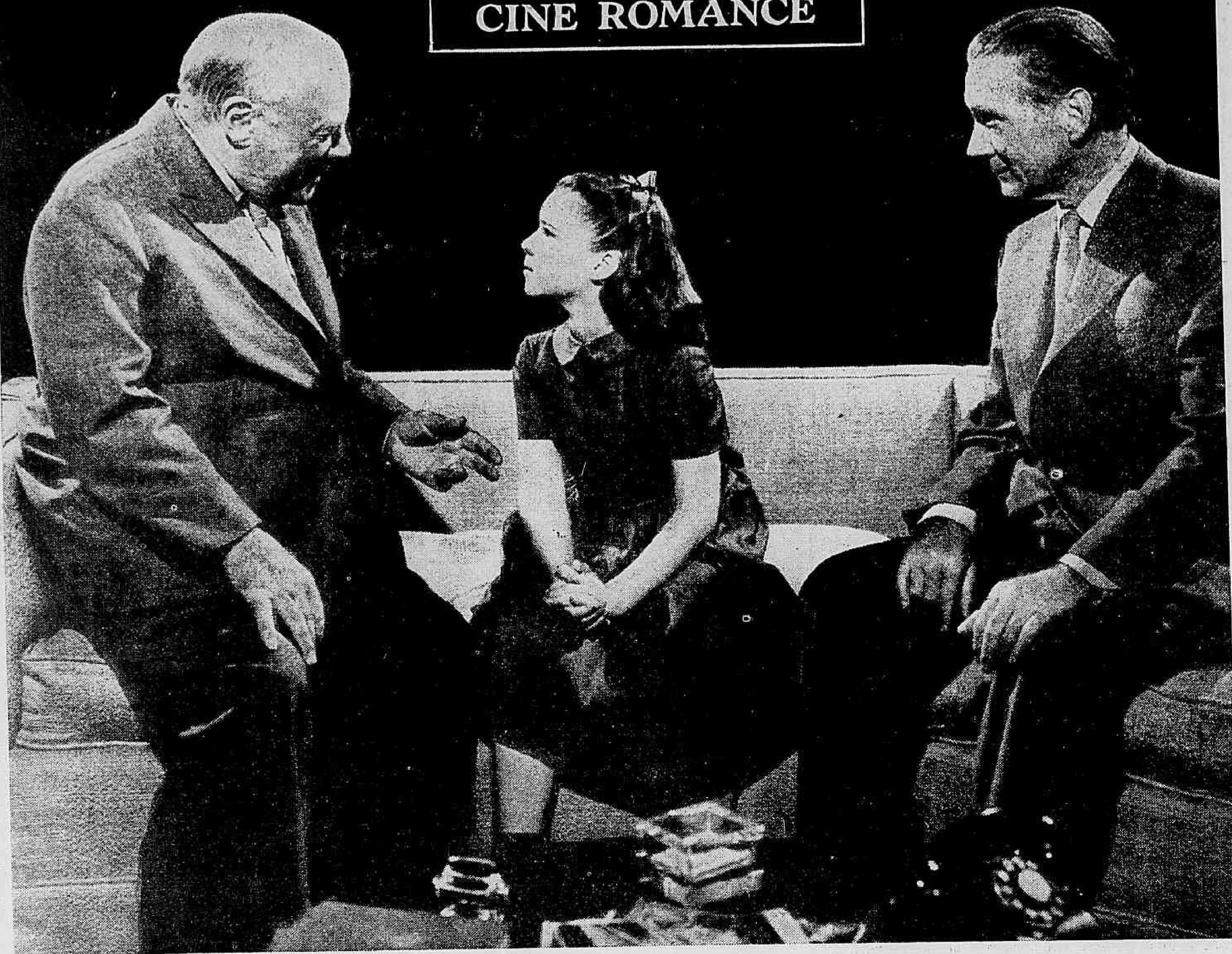




Carmen Iracema é candidata ao papel de Luiza no filme «Entre Dois Amôres», e breve será submetida a um téste. A direita, vemos Manoel Tomazoni em atividade no seu laboratório.



Anabela, diretora do conhecido instituto-escola de Pôrto Alegre, foi contratada pela «Farrapos» como maquiladora. Aqui a vemos preparando a jovem e provável futura estrêla Carmen Iracema



Sendo também uma anjinha, Item prontamente reconheceu Charles e Ar thur. «Já lhes disse, — externou ela firmemente, — não sairei daqui».

APUROS DE UM ANJO

A presença dos dois homens no "foyer" do edifício de apartamentos, de maneira alguma arrancou comentários por parte dos residentes. Charles era majestosamente alto, enquanto Arthur era baixo e de aspecto querubinesco. Certamente, êles estavam decentemente vestidos, idêntica e completamente, com ternos de côr cinza. Talvez isso fôsse ligeiramente surpreendente, pelo simples fato de Charles e Arthur serem anjos e, nessa qualidade, serem invisíveis aos mortais.

Sem se perturbarem com as violentas batidas da porta do elevador bem em suas faces, os dois se viraram e se encaminharam para a escada. Tinham de visitar um apartamento duplex, vigésimo-sétimo andar, habitado pelos conhecidos Boltons. No entanto, de maior interêsse para êles do que os Boltons, era a presença naquele apartamento de Item, uma anjinha, que os reconheceu imediatamente.

— Eu já lhes disse. Nunca sairei daqui — respondeu ela firmemente aos cumprimentos dos dois anjos.

Charles olhou para Arthur, pedindo auxílio: "Faça alguma coisa".

— Farei, sim — prometeu Arthur. — Mas, primeiro, quero ter certeza de que compreendi os fatos. Esta querubim é a filha não-nascida do casal que acabamos de visitar. Você acha que a situação não tem solução?

— Quando ela escolheu êste casal como prospectivos pais, teve a pouca sorte de selecionar duas das pessoas mais egoístas que já tive o desprazer de travar conhecimento — Charles meneou com a cabeça penosamente. — Cêrca de dez anos atrás êle dirigiu uma peça que fêz verdadeiro sucesso. Ela trabalhava nesta peça. Êle se apaixonou por si mesmo e ela se apaixonou por si mesma, de modo que, um belo dia, resolveram contrair matrimônio. Os dois não têm nenhum interêsse senão as suas próprias carreiras.

— Mas, se eu nascesse, talvez êles mudassem — Item argumentou. — Êles precisam de mim.

— Sem a menor dúvida, creio que você está certa — Arthur admitiu. — Mas, antes, você tem de nascer.

— Você não está rejuvenescendo — recordou-lhe Charles. — Se você ficar mais muito tempo por aqui acabará nascendo uma daquelas crianças-prodígio. Estará tocando Chopin aos quatro anos e recitando o Velho Testamento em hebraico aos cinco...

Item não mais os estava ouvindo.

— Acabo de lembrar-me de uma coisa. Tenho um encontro — disse ela, e deixou o quarto apressadamente.

Quando os dois homens começaram a segui-la, Arthur parou um minuto, aguçou os ouvidos e disse:

— Lamento, Charles, mas tenho de ir embora agora. Haidekiah está chamando-me neste momento.

Charles continuou seguindo Item sòzinho e a encontrou em Central Park. Estava conversando com um outro anjo, cujo nome era Joe, e ambos estavam na mesma situação.

— Às vêzes, isso se torna monótono — Joe estava dizendo. — Veja o meu caso, por exemplo: o meu prospectivo pai é um escritor, mas até agora ainda não conseguiu vender nenhum de seus trabalhos. Até que êle comece a vender...

Item estava atentamente observando algumas crianças brincando no parque.

— Puxa, não seria do barulho se a gente projetasse sombra? — disse Joe, botando em palavras o pensamento de Item.

Lydia Bolton sentou-se cansadamente numa cadeira.

— O trabalho estava de amargar agora à tarde.

— Apenas mais uma performance — comentou alegremente o seu espôso.

Depois de preparar um Martini para a sua espôsa, êle apanhou um original.

— Estou esperando um telefonema de Daphne. Ela está fazendo um belo trabalho. Êste é o papel para o qual você nasceu, querida.

Lydia suspirou.

— Estou esperando há muito tempo apenas por uma coisa; umas férias. Mas você continua tentando impingir-me esta peça. O que fará ela por nós? A mesma existência rotineira. Conversando, comendo, sonhando e pensando sòmente em teatro. Somos pessoas inúteis e estagnadas.

— No meu modo de ver, temos feito um bom trabalho — Jeff levantou o seu copo. — Para nós, querida.

— E para as crianças que nós devíamos ter tido. — acrescentou Lydia.

— Olhe, querida — disse êle. — Eu desejo filhos tanto quanto você, mas somos ambos do teatro. Um dia dêstes, nos retiraremos em triunfo e nos dedicaremos a nossos filhos com a mesma devoção.

Sob a sua persuassão, Lydia, finalmente, concordou em ler a peça.

— A primeira coisa que vou fazer amanhã de manhã, — Jeff anunciou — é cavar um daqueles bonitos e suculentos anjos.

Neste momento, Charles e Item apareceram, atravessando a porta fechada.

— Que mentira, meu Deus! — Charles exclamou indignadamente. — Não creio que você queira ficar, depois de ouvir isso.

— Oh, êles mudarão de idéia — replicou Item confiantemente.

Charles começou a caminhar de um lado para outro, resmungando:

— Êles me disseram: "Charles, êste caso tem de ser resolvido porque já está nos livros há muito tempo. Desça e dê uma solução".

De repente, êle sorriu e virou-se para Item.

— Isto não quer dizer, absolutamente, que eu tenho de levá-la de volta. Vou materializar-me, encontrar-me com êsses lixos humanos e transformá-los nos melhores pais do mundo. — Charles ficou a refletir por um momento. — Êstes anjos suculentos que o seu papaizinho mencionou, para que será que êle precisa dêles? Êle tem um bocado de dinheiro...

— No teatro nunca se usa o próprio dinheiro. Êle gosta de encontrar pessoas apaixonadas pelo teatro para financiar as suas peças. Êle travou conhecimento com o último no jóquei. E' para lá que êles pretendem ir amanhã — explicou Item. — O último anjo — gíria usada pelo pessoal de teatro para definir os financiadores de peças — que êles arranjaram era um rancheiro do Texas — explicou ela.

Portanto, êsse era um papel que Charles poderia representar no dia seguinte, como um anjo, em ambos os sentidos da palavra. Como preparação, ela o aconselhou a ir ao cinema para ver Gary Cooper em "The Westerner".

Ao fim da sexta carreira, àquela tarde, Lydia

Título original:

"FOR HEAVEN'S SAKE"

ELENCO

Charles	**Clifton Webb**
Lídia Bolton	**Joan Bennett**
Jeff Bolton	**Robert Cummings**
Daphne	**Joan Blondell**
Arthur	**Edmund Gwenn**
Item	**Gigi Perreau**
Tony	**Jack La Rue**
Tex	**Harry Von Zell**
Joe	**Tommy Retting**
Roger Blake	**Robert Kent**

Um filme da 20th Century Fox — Produção de William Pelberg — Direção e cenário de George Seaton — Baseado numa peça de Harry Segall

e Jeff não conseguiam esconder o seu contentamento ao encontrar o simpático homem do oeste. Graças aos seus palpites, Jeff e Lydia não haviam perdido um só páreo. Como agradecimento, êles o convidaram para jantar com êles. Enquanto Charles estava esperando que os seus anfitriões mudassem de roupa, Arthur lhe apareceu para informar que Haidekiah e alguns outros graduados não estavam inteiramente de acôrdo com o método usado por Charles.

— Transformar pessoas como essas em pais é uma coisa que nem mesmo Gabriel ousaria tentar. Gostaria que você pensasse mais um pouco. Tendo-se materializado — Arthur informou-lhe — você está sujeito às emoções humanas. A diferença entre o certo e o errado se tornará um fator sem importância. Lembre-se que hoje, nas corridas de cavalos, você quase que mente por diversas vêzes!

Quando Arthur viu os Boltons se aproximarem deixou o apartamento.

Durante o jantar, Jeff puxou o assunto do seu último *anjo*, informando a Charles que ambos haviam produzido um espetáculo.

— Calculo que se uma peça é boa, teatro seja um bom investimento — Charles disse, com o seu sotaque texano.

— Acontece que, no momento, nos estamos preparando para fazer uma nova peça de Daphne Peters — Jeff explicou. — Vamos passar o fim-de-semana numa fazenda, onde encontraremos Daphne. Por que você não vai conosco, Slim?

Logo que chegaram à fazenda no dia seguinte, Jeff iniciou a sua tarefa, pedindo *sòmente* vinte ou trinta mil dólares, pois o anjo lhe dissera que lera a peça à noite passada e tinha gostado muito.

— Quando voltarmos a Nova York passarei pelo banco — Charles respondeu inconfortàvelmente.

Mais tarde, êle explicou a Arthur que, em verdade, não tinha mentido.

— Meramente disse que passaria *pelo* banco. Eu não disse que iria *ao* banco.

— Êle vai descobrir dentro de muito pouco tempo, pois mesmo que você entrasse não seria de importância alguma.

— Isto significa que os nossos planos têm de ser acelerados — concordou Charles. — Antes de êle descobrir que sou um *liso*, já deve estar bem adiantado no caminho da paternidade.

Tendo observado a atenção que Charles devotou a Daphne, mais tarde Arthur citou o fato que foi confirmado por Charles.

— Uma sensação das mais estranhas que já conheci está penetrando em meu corpo — explicou Charles. — Quando eu estava sentado perto dela, disse: Charles, isto não é muito angélico de sua parte!" — e, então, uma vozinha dentro de mim exclamou: "E o que tem isso?"

— Talvez eu lhe possa ajudar — ofereceu-se Arthur. — Você está vendo aquêles sinos azuis? Tôda a vez que eu notar que você está sucumbindo à tentação eu tocarei um dêles.

Apontando Lydia sentada debaixo de uma árvore, Arthur disse:

— Como você vê, eu arranjei com Haidekiah uma parada de maternidade.

Passeando calmamente no pasto, Lydia podia ver uma égua e um poldro, uma ovelha e um cordeirinho e uma vaca e um bezerro.

— "Sejais férteis e vos multiplicai e renovai a terra" — citou Charles, sentando-se ao lado de Lydia. Não é um prazer reparar como êles atendem ao apêlo divino?

Os olhos de Lydia se tornaram úmidos.

— Eu estava com os olhos voltados para a minha vida passada. Pensei, se eu morresse, o que deixaria atrás de mim?

— Não é tarde de mais, Lydia — Charles murmurou suavemente.

— Bem que eu gostaria que Jeff visse a questão sob êsse ponto-de-vista — Lydia suspirou. — Tenho de conversar com Jeff sôbre isso.

— Eu não conversaria — argumentou Charles. — Olhe para aquêle cordeirinho e aquela ovelha pastando lá em baixo. Se ela primeiro houvesse falado com o marido, êle teria dito: "Mas, p'ra que, querida? As crianças acabarão como um pedaço de presunto na mesa de alguém". Foi por isso que êles não conversaram sôbre o assunto.

Lydia fitou-lhe os olhos longamente. Então, dando-lhe um beijo, saiu apressadamente.

Na situação em que se encontrava, abertamente exposto ao romance, tornou-se difícil para Charles interpretar o seu papel apenas como espectador. Houve, por exemplo, o incidente com Daphne na poltrona. Foi necessário um longo dobrar de sinos para contra-atacar o brilho que incendiou os seus olhos ao olhar Daphne. Então, houve o episódio da rumba. Tinha começado a dançar animadamente, quando os saltos altos de seus sapatos de cow-boy levaram Charles ao chão. Tranquilizadoramente, Daphne o ti-

(*Cont. na pág.* 26)



«Amanhã de manhã, — anunciou contentemente Jeff, — arranjarei um «anjo» para financiar esta peça». No duro, Jeff arranjou um «anjo».



Com os pensamentos voltados para Haidekiah, Charles tirou uma carta do baralho. Graças a Deus era um dois!



Enquanto Jeff se alvoroçava, a sua espôsa, que comera amendoim, respondeu que há uma semana se vinha sentindo extraordinàriamente maternal...

CINEMA BRASILEIRO

CASCALHO

O mais discutido filme nacional — Das discussões preliminares ao interêsse crescente dos exibidores — Confecção esmerada — Um elenco de classe e uma equipe de grande valor

NUNCA um filme brasileiro foi tão comentado como aconteceu agora com "Cascalho". Muito antes de iniciarem as filmagens, já a primeira produção da Sul-Filmes era o alvo das discussões das rodinhas cinematográficas, que procuravam inteirar-se de tôdas as novidades relativas ao celulóide dirigido por Leo Marten, na ansia de saber quem seria o artista que iria desempenhar êste ou aquêle papel.

Agora, depois de terminado, ainda não cessou o interêsse sempre crescente em tôrno desta película. Assim é que, os produtores Cláudio Gomes e Roberto Cavalier têm sido assediados insistentemente por todos os exibidores, no sentido de conseguirem prioridade na exibição dêste filme, que tem como principais intérpretes José Lewgoy, Jackson de Souza, Norma Tamar, Sérgio de Oliveira, Edmundo Lopes, Sady Cabral e Domingos Terra, a ponto de não saberem a quem entregar a sua produção. Mas essa curiosidade não se verifica sòmente dentro de nossas fronteiras, pois no estrangeiro também estão interessados em assistir ao filme "Cascalho", tendo sido o mesmo negociado para a França, Alemanha, Bélgica, Argentina, Chile e Uruguai.

Justifica-se todo êsse interêsse, porque, além de contar com um excelente elenco, "Cascalho" é baseado num dos mais interessantes romances que foram escritos até hoje sôbre o garimpo, de autoria do escritor baiano Herberto Sales, onde são abordados problemas de suma importância, que envolvem essas impressionantes figuras humanas que são os garimpeiros.

A adaptação de "Cascalho" foi feita pelo próprio Herberto Sales e o diretor Leo Marten, que se incumbiu também da cenarização, sendo os diálogos de autoria do primeiro.

"Cascalho" teve uma confecção esmerada, pois obedeceu a um plano de trabalho prèviamente estudado, onde foram previstos todos os impecilhos que acarretam a rodagem de um celulóide, tendo sido os exteriores filmados no próprio local onde transcorre a emocionante história de Herberto Sales, isto é, na cidade de Andaraí, no interior da Baia, e os interiores aqui, nos estúdios da Cinematográfica Sol, arrendados pela Sul-Filmes, uma novel emprêsa cinematográfica, que pretende produzir, sem quebra de continuidade, sendo que para isso os produtores Cláudio Gomes e Roberto Cavalier estão envidando todos os esforços no sentido de traçarem um plano de produção continua, bem como tratam de construir seus próprios estúdios, que serão aparelhados com a mais moderna maquinaria.

Para sublinhar as cenas mais emocionantes de "Cascalho", os produtores entregaram a confecção do fundo musical à competência do maestro Walter Schultz Pôrto Alegre, que conseguiu impregnar a mesma de tôda aquela emoção que caracteriza as diversas seqüências de "Cascalho", que assim se viu acrescido de maior intensidade dramática.

Leo Marten tem ocasião de oferecer neste filme uma grande direção, pois soube dissecar profundamente a alma de todos os personagens, oferecendo-nos notáveis estudos psicológicos, assim como criar uma esplêndida atmosfera.

Como operador foi contratado o jovem diretor de fotografia Antônio V. Gonçalves, que tão bem se revelou em "Serra da Aventura", ainda inédito para o público carioca, enquanto a direção fotográfica ficou a cargo de John Reichenbein, que procurou apresentar um trabalho digno dos maiores encômios, levando para a fotografia, além da atmosfera exigida pela história, o drama intenso de "Cascalho".

"Cascalho" entra, assim, no rol das peliculas promissoras do cinema indigena. Feita em ostentações sérias, por pessoas competentes, não resta dúvida que só poderá ter resultado numa obra digna de ser vista. E' o que esperamos.

À esquerda: — Norma Tamar, José Lewgoy e Sérgio de Oliveira, três nomes conceituados da cinematografia brasileira.



Edmundo Lopes e José Lewgoy, numa cena de «Cascalho», onde é focalizado a crú o drama do garimpo brasileiro.



Edmundo Lopes e Jackson de Souza, numa cena violenta do mesmo filme, dirigido por Leo Marten



Domingos Terra, uma figura do selecionado de «Cascalho», de autoria de H. Salles

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

X

Yolandino José Maia

Nome verdadeiro: Yolandino José Maia.
Assina sempre: Y. Maia.
Nasceu no Rio, Distrito Federal, Brasil, a 21 de fevereiro de 1915.

Completou o curso ginasial no Colégio Salesiano Santa Rosa, de Niterói. Família de origem proletária.

E' desenhista - topógrafo, além de jornalista profissional.

Gosta de cinema desde garôto. Viu vários filmes antológicos, inclusive "O Lírio Partido", de Griffith, no cineminha do colégio Salesiano.

Começou a escrever no jornalzinho do grêmio colegial.

Hoje em dia colabora em "Paratodos", "Momento Feminino", "Imprensa Popular" e é secretário da revista "Prisma".

Iniciou-se na crítica de cinema em 1947 e já fêz teatro no jornal "Diretrizes" durante um ano.

Odeia: cortar cabelo, dentista, tomar medida de roupa, qualquer bebida alcoólica e todos os galãs coca-cola.

Não gosta de ser interrogado. Confissões só com médico neuro-psiquiatra...
Gosta de ler: política, poesia, romances.

Aprecia as obras de Roger Martin du Gard, Vinícius de Moraes, Pablo Neruda, Jorge Medauar, Michael Gold.
Tem o hábito de ler a "Bíblia" como uma espécie de repouso...

Acha que Dalcídio Jurandir poderá vir a ser o maior escritor brasileiro.

Gosta de música clássica e popular, dando preferência às composições de Procofieff e Vila-Lôbos, Claude Santoro e Camargo Guarnieri, achando Radamés o nosso melhor músico para cinema.

Aprecia samba de escola e jazz tradicional, detestando o be-bop.

Sente dificuldade para ler idiomas estrangeiros, embora sem preconceito.

Apesar de não ser religioso, aceita qualquer doutrina sôbre divindades.

Escreveu contos, poesias e crônicas, mas pretende dedicar-se a fazer argumentos cinematográficos.

Viajou por Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e subúrbios da Central, no Rio...

Grandes vultos da humanidade, em sua opinião: Jesus Cristo, Moisés, Lenin, Prestes, Lincoln, Roosevelt, Tiradentes e tôdas as criaturas conseqüentes com as lutas sociais.

Origens sangüíneas: português, negro e índio brasileiro...

E' de temperamento calmo, e não gosta de alterações...
Não duvida de que o mundo pertencerá à classe operária em futuro próximo.
Diretores de cinema de sua preferência: Eisenstein (Aizens-táin), Pudovquin, Chaplin, Dmytryk, Cavalcânti, John Huston, Giuseppe De

Acredita no filme brasileiro, apesar dos altos e baixos.
Altura: 1,70 m. Pêso: 68 quilos.
Côr do cabelo: castanho, já com alguns fios brancos.
Olhos castanhos.
Gosta de fazer longas caminhadas a pé.
Não pratica esportes.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Santos e Luchino Visconti.
E' solteiro, não tem filhos, mas, em compensação, tem oito sobrinhos.
E' membro da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.
Considera o cinema polonês um dos mais promissores da atualidade.

Gosta de dormir e acordar a horas certas.
Tem paladar para comidas estrangeiras (cozinha italiana, síria, alemã, etc.) sendo que, dos pratos brasileiros prefere a famosa feijoada. Fuma moderadamente.
Atores preferidos: Walter Huston, Jean-Louis Barrault, Nicolau Chercassovv, Chaplin, Gérard Philippe e Lew Ayres.
Atrizes prediletas: Anna Magnani, Aletty, Dorothy Mc-Guire, Olivia de Havilland e Greta Garbo.

Reside nos subúrbios.
Nunca vai à praia.

Não gosta de rádio e, apesar de ter discos, acha que a música deve ser ouvida em concertos, com participação da orquestra e da assistência.
E' pela interdição da bomba atômica.

ANTOLOGIA: *"O Livro e o cinema"*

"O livro que foi e continuará sendo um dos melhores veículos para a divulgação da cultura e aprimoramento do homem e que ainda é usado, também, como meio de afastar o mesmo homem das lutas contra o obscurantismo e a prepotência, encontra, hoje, uma nova forma de divulgação: o cinema. Porém, tanto o contrôle de publicações de livros como o de produção cinematográfica, estão nas mãos dos senhores do capital. Assim acontecendo, é evitado que obras de valor social ou revolucionário sejam editadas ou filmadas.

Filmes há que deturpam a realidade, procurando com sua "usina de sonho" afastar das platéias os problemas de nossa época, apresentando obras banais, que nada representam, senão fórmulas repetidas dos "infalíveis" êxitos de bilheteria. A verdade é que, mesmo quando um bom livro é filmado por uma dessas fábricas de ilusões enlatadas, sua história no final da filmagem nada difere de outro qualquer argumento rodado centenas de vêzes.

Porém, não compete a nós, escritores brasileiros, fazer a defesa dos livros de escritores estrangeiros. No entanto, podemos e devemos defender os livros de escritores nacionais que principiam a ser filmados com mais freqüência pelo nosso engatinhante cinema, prestes a se erguer e caminhar pela estrada da moderna cinematografia.

Quando um romance, uma novela, uma peça teatral ou uma biografia é transportada para a linguagem cinematográfica, por meio de "cenarização", compete ao escritor "cenarista" captar, no desenvolvimento da narrativa, o conteúdo autêntico da obra. Acontece, porém, que, quando o "cenário" é correto, sempre o é a direção."

(*"Prisma", segundo trimestre* 1950, *n.º* 2)

"CONFLITOS DE AMOR"

(LA RONDE)

Direção de **Max Ophuls**

DOIS GRANDES PRÊMIOS DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE VENEZA, DE 1950

Uma seleção "Cofram" — Distribuida pela França Filmes do Brasil.

UM homem surge em meio à neblina. (Anton Walbrook), trajando um grande capote negro de gola levantada e avança com as mãos nos bolsos até à ribalta — a ribalta do palco em que se desenrolam a comédia e a tragédia da vida.

— Eu sou vós todos — diz êle — Sou qualquer um dentre vós. Sou a encarnação do vosso desêjo de tudo saber. Os homens conhecem apenas uma parte da realidade, e isso porque não vêem senão um aspecto parcial das coisas. Mas eu vejo todos os aspectos. Caminho despercebido sob todos os disfarces e estou em tôda parte ao mesmo tempo.

Aproxima-se de um cabide e muda de indumentária:

— Mudemos de preocupações. Estamos na Viena de 1900. Eis o sol! Eis a primavera!! Acho que todos já sentem, sob êste ar perfumado, que vamos falar de amor...

Dirige-se a um carrossel e impulsiona-o com a bengala para fazê-lo girar:

A valsa gira, o carrossel gira — exclama êle — A ronda do amor também há de girar...

Dama honesta, gentil sereia,
Soldado, nobre ou ricaço,
Quando o amor pronto os enleia,
Giram, dansam no mesmo passo...

Atenção! Eis que surge uma decaída. E' ela quem vai abrir a ronda do amor.

A meretriz interpela-o:

— Vens comigo, louro simpático?

Êle, porém, é apenas o CONDUTOR da ronda e não um de seus personagens. E Leocádia, a meretriz, (Simone Signoret), caminha até a próxima esquina, onde pára à espera. Passam alguns militares.

— Vens comigo, louro simpático? — pergunta ela a um dêles.

— Não tenho tempo. Preciso regressar ao quartel.

— Ora, vem comigo! Lá onde eu moro é muito melhor.

Mas como ela mora muito longe e o soldado precisa regressar ao quartel, dirigem-se ambos para o cáis situado nas proximidades.

— Encontraremos um banco por aí — diz a prostituta.

— Para que banco? Nós não estamos no meio de gente...

— És formidável! — exclama

ELENCO:

Leocádia, a meretriz	SIMONE SIGNORET
Maria, a camareira	SIMONE SIMON
Ema, a mulher casada	DANIELE DARRIEUX
A costureira	ODETTE JOYEUX
Carlota, a atriz	ISA MIRANDA
O condutor	ANTON WALLBROOK
Franz, o soldado	SERGE REGGIANI
Alfred, o rapaz	DANIEL GÉLIN
Carlos, o marido	FERNAND GRAVEY
Kohlenkampf, o poeta	JEAN-LOUIS BARAULT
O conde	GERARD PHILIPE

Música de OSCAR STRAUSS — Cenografia premiada em Veneza) de JEAN D'EAUBONNE — Argumento cinematográfico (premiado em Veneza) de JACQUES NATANSON — História original de ARTHUR SCHNITZLER — Fotografia de CHRISTIAN MATRAS — Uma produção de SACHA GORDINE









ela — um homem assim é que eu queria.

O soldado impele-a docemente para as sombras mais densas que invadem as ruas. No quartel, o CONDUTOR, envergando uniforme militar, faz soar o clarim como se quisesse chamar Franz, o soldado (Serge Reggiani). Êste, inquieto, apressa-se a subir os degraus do cáis.

— Não corras tanto assim! — diz-lhe a prostituta.

— Não ouviste? Vou pegar um castigo de quatro dias.

— Dize-me ao menos como te chamas. Eu me chamo Leocádia...

E ela continua, enquanto êle se afasta a correr:

— A noite seria linda se não existissem uns lorpas como tu! Vou aprendendo, «seu pronto!» Nem mesmo um cigarro para remédio!

O soldado recolhe-se ao quartel, mas estará de saída no próximo sábado para dansar à luz das estrêlas e travar conhecimento com a jovem Maria.

★

Ei-lo, agora, ao lado da jovem Maria (Simone Simon)...

Em um pavilhão iluminado, repleto de gente que dansa, êle dansa com a linda camareira. Leva-a, em seguida, em direção à porta e tomam por uma alamêda do Prater.

— Após a dansa, o amor — diz êle — apertando-a nos braços.

— Tenha modos, senhor Franz.

— Se nos sentássemos neste banco, jovem Maria?

— Oh! não, senhor Franz, aqui está muito escuro!

— Não tenhas mêdo, eu estou a teu lado.

— Por isso mesmo.

Encontram, enfim, um banco livre. Todos os outros se acham ocupados por jovens casais amorosos. Passa o CONDUTOR disfarçado de vigia:

— Oh não se incomodem — diz êle notando o susto do soldado — tenho ainda um bom quarto de hora antes de voltar por aqui.

Um pouco mais tarde a camareira manifesta o desejo de recolher-se, pois sua patroa não é das mais indulgentes, mas o soldado não tem nenhuma vontade de voltar ao quartel. Possui uma longa licença e quer aproveitá-la. Então a camareira compreende:

— Já sei que agora é a vez daquela loura...

As lágrimas lhe assomam aos olhos, mas o soldado, indiferente, trauteia uma canção. E enquanto a jovem fica a uma mesa, êle vai convidar a loura para dansar. O CONDUTOR, com uma flor na botoeira, aproxima-se da jovem Maria propondo-lhe um pequeno passeio, e ela, ao toque da mão do homem em seu braço, já não pensa mais em regressar. Tanto pior se fôr despedida. Saberá encontrar outro emprêgo. E assim acontece: ela é despedida e encontra outro emprêgo. Foi precisamente aí que o CONDUTOR a levou: a um pequeno passeio através do Tempo...

★

Passam-se dois meses, e êle a introduz no apartamento de um rapaz, Alfred, (Daniel Gélin). Os pais tinham saido e o filho ficara em casa a fim de preparar os exames finais da Faculdade. E' uma tarde quente de verão. A camareira está na cozinha, lendo uma carta enviada pelo soldado. Terminada a leitura, mergulha, por sua vez, a pena no tinteiro e dispõe-se a responder ao «caro senhor Franz».

O rapaz, estendido no sofá, lê «Mademoiselle de Maupin», de Théophile Gautier, enquanto fuma cigarros turcos. Só de amor se fala nesse livro, como na maioria dos livros, como na maioria das vidas. O rapaz aciona a campainha.

— Chamou, senhor Alfred? — pergunta a camareira entrando.

Sim, o senhor Alfred chamou-a. Talvez que aquêle livro, com tantas palavras de amor em um dia tão cheio de sol lhe tenha despertado no íntimo alguma especial tentação. Entretanto, o rapaz deixa a camareira sair sem nada tentar, chamando-a, porém, uma vez mais, quando os seus olhos caem sôbre um capítulo escrito em têrmos capazes de acender a sêde amorosa em qualquer criatura medianamente sensível.

— Chamou, senhor Alfred? — torna a perguntar a camareira.

Sim, o senhor Alfred, desta vez, quer um pouco de «cognac». Mas não é possivel satisfazê-lo. Quem guarda as chaves é Lina, e ela está fora, gozando o seu dia de licença. O rapaz deverá, pois,



contentar-se com um copo dágua. Quando a camareira volta trazendo a água, êle já não lê. Prefere contemplá-la demoradamente, obrigando-a a baixar os olhos. Ao devolver-lhe o copo, seus dedos se tocam, suas mãos tremem e o resto da água quase se derrama. O jovem Alfred deixa-a, entretanto, mais uma vez sair, não sem acompanhá-la com os olhos e um sorriso. Mas apenas a camareira intenta recomeçar a carta interrompida, um imperioso toque de campainha chama novamente por ela.

Sim, o senhor Alfred tornara a chamar. Dentro de um quarto de hora seu professor de francês deverá apresentar-se para a aula, mas um quarto de hora é por vêzes tôda uma vida.

— Maria — murmura o rapaz — vem cá... Mais perto... Como é bonita a tua blusa azul... Não estás sentindo calor?...

Maria tem a pele imaculadamente branca. O rapaz dá-lhe um beijo no ombro. Ela suspira:

— Senhor Alfred, pode vir alguém.

— Nós não abriremos a porta.

O CONDUTOR, no pátio da casa, detém o professor Schüller que vem dar a aula de francês ao rapaz. O professor se afasta, prometendo voltar sexta-feira...

Vai já bem longe quando a camareira abre as janelas. O rapaz veste o casaco, põe o chapéu e dispõe-se a dar um passeio. Anseia caminhar ao ar livre, beber o ar puro das alamêdas.

— Tenho dez anos a mais — diz êle com um suspiro de satisfação.

— Faça um bom passeio, senhor Alfred — murmura a camareira.

— Até à noite.

— Até à noite, senhor Alfred.

Após a saida do rapaz, a camareira apanha um de seus cigarros turcos, vai à cozinha, rasga lentamente a carta que havia iniciado, aproxima-a da chama do fogão e serve-se dela para acender o cigarro que traz entre os lábios.

★

Algum tempo depois, uma mulher casada passa por esta história. O amor, o grande amor lhe subira à cabeça. O jovem Alfred a persegue dia e noite sem que, no entanto, ela quebre a linha de prudência que se impôs. A prudência das belas, porém, não dura senão um breve período quando se está armado de bastante obstinacão para vencê-las.

O rapaz aluga um apartamento. Alenta-o a mais louca esperança e um dia, por fim, ei-lo que chega emocionadíssimo à sua habitação. A mulher casada, a mulher honesta prometera visitá-lo. Debruçado à janela, êle espera. Surge, enfim, uma carruagem. Ema (Danielle Darrieux) abre a portinhola, salta para a calçada e diz ao CONDUTOR, que está fantasiado de cocheiro.

— Espere-me cinco minutos.

Em seguida corre em direção à casa, assustada como um malfeitor perseguido. Apressadamente, o rapaz, munido de um vaporizador perfuma tôda a sala. Depois, lobrigando um pente feminino ali esquecido, intenta, rápido fazê-lo desaparecer em seu bolso, porém deixa-o maquinalmente sôbre um móvel. Ajeita febrilmente os cabelos, a gravata e avança para a porta ao ouvir o som da campainha:

— Ema, você veio!

— Ah! Alfred! Alfred! que loucura!...

E após os primeiros transportes:

— Mas é muito agradável a sua casa. Muito íntima. E' aqui mesmo que você mora?

— Naturalmente... Quero dizer... por enquanto...

— Até quando? Depois de mim virá outra mulher.

— Nunca, nunca! Quando você não vier mais, eu...

— Você se matará?

— Sim... Em todo o caso, mudarei de apartamento. Mas você há de vir sempre, não é verdade, Ema?

A jovem ergue o véu que lhe envolve o semblante e volta-se para o rapaz:

— Você me ama?

— Espero que não haja mais dúvidas.

— Pois quero uma prova. Deixe-me sair.

O rapaz cai de joelhos e pousa a cabeça sôbre os joelhos da jovem.

— Você me prometeu ser comportado — lembra-lhe ela.

— E serei bem comportado.

— Estou com calor. Aqui dentro é muito quente.

— Natural; você se agasalhou tanto... Não quero que se resfrie ao sair. Com licença.

Ela lhe permite tirar-lhe a capa, mas logo se põe de pé. Passaram-se os cinco minutos e já devia estar há muito tempo em casa de sua irmã.

— Por que lhe fui dar ouvidos, Alfred?... Quem seria capaz de dizer, há oito dias atrás, que me sucederia tal aventura? Ainda ontem... Alfred, adeus. E' melhor que não nos vejamos mais... Mas quero antes perguntar-lhe uma coisa. Jura-me responder a verdade? Pois bem, aqui já estiveram outras mulheres antes de mim?

— Ora, Ema, esta casa foi construida há mais de cinqüenta anos.

— Não é isso que eu pergunto. Você me compreende muito bem.

— Não, Ema, nunca! Eu lhe juro.

Ela insiste ainda em partir. Êle quer tomá-la nos braços. Lutando, entretanto, por desvencilhar-se, Ema deixa-se cair, sob uma chuva de beijos, sôbre os macios coxins de um sofá.

— Alfred querido, que quer você fazer de mim? Não, não... Quero saber as horas... Ai, você me despenteia!...

Eu tenho um pente. Venha cá.

Ela, porém, tem sêde. E enquanto o rapaz vai buscar uma bebida, Ema adianta-se na ponta dos pés até ao quarto contíguo, onde se vêem uma cama, flôres e velas acesas. A jovem recua, apanha devagar a capa, o chapéu e dirige-se para a porta de saída. Ao ouvir que a porta se fecha, Alfred, ocupado na cozinha em desarrolhar uma garrafa, acorre, empunhando garrafa e saca-rôlhas. A sala está deserta. O rapaz alcança o patamar e grita alto da escada:

— Ema!

(Cont. na pág. 27)





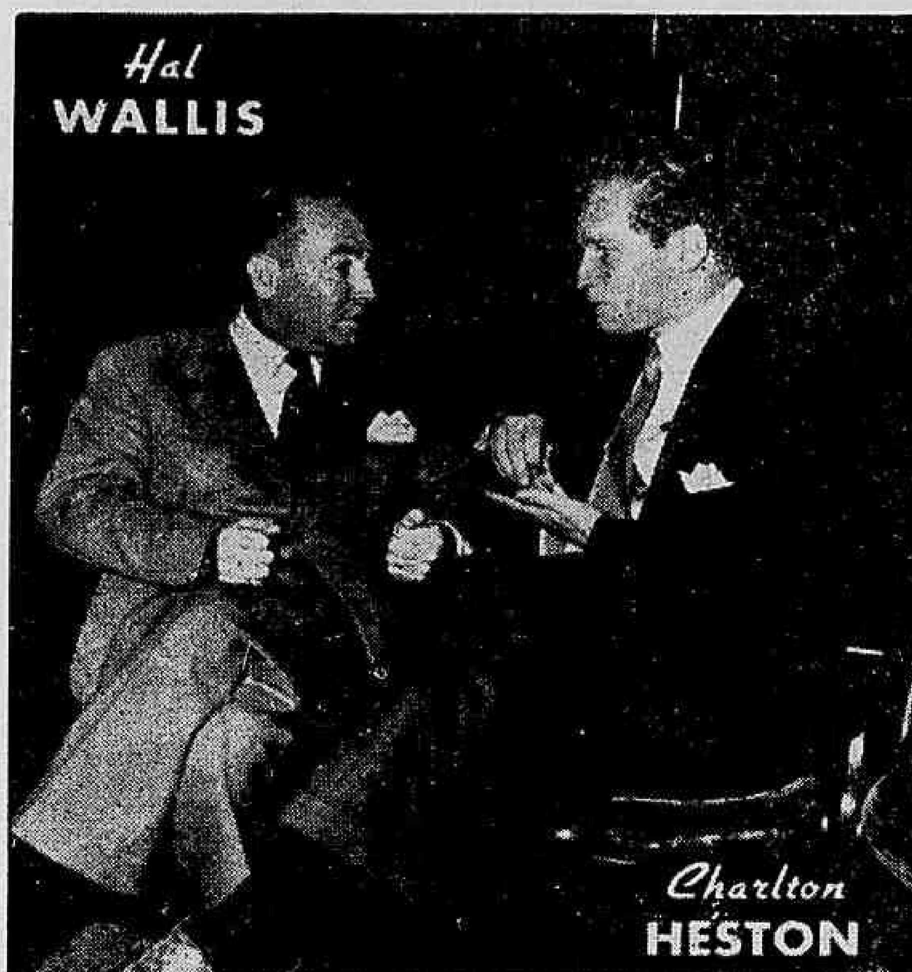
REPORTAGEM INDISCRET

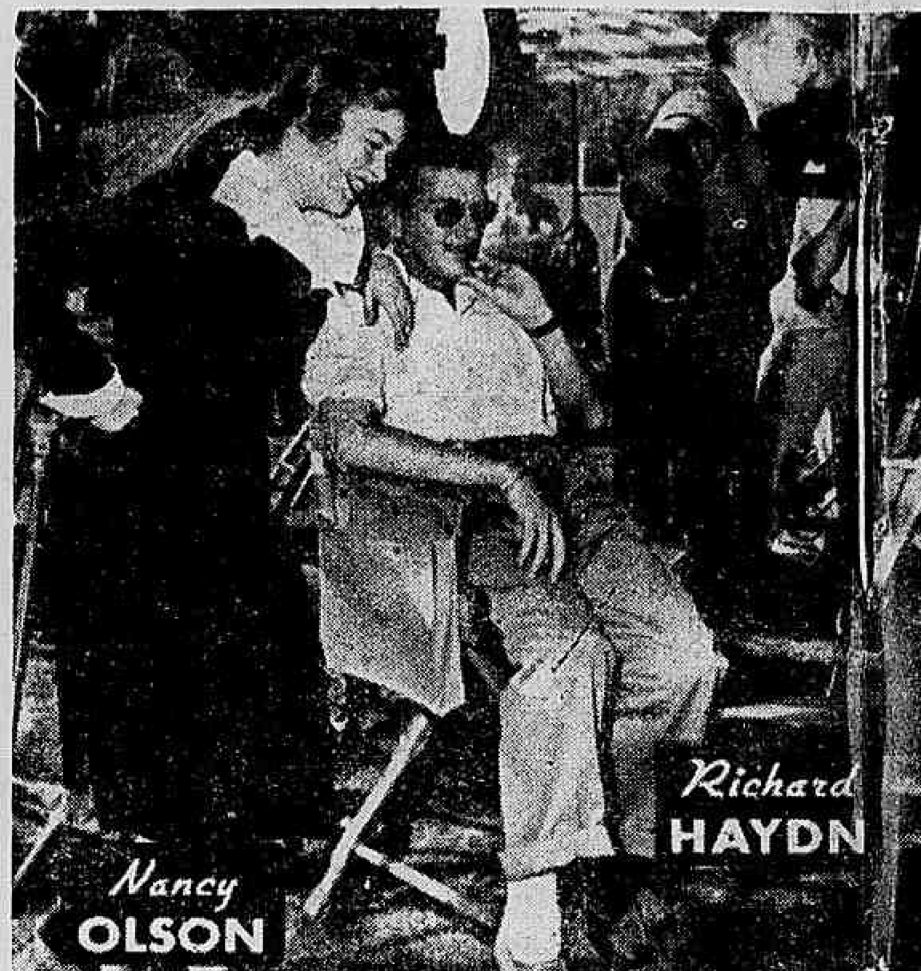
HOLLYWOOD, fevereiro — Cumprimentos de Hollywood, onde os nomes dos criadores de estrêlas, os que fazem o "glamour" brilhar, são raramente vistos escritos em luzes brilhantes, mas são, em realidade, aquêles que nos fazem rir, chorar ou comovermo-nos profundamente no cinema ao nos apresentarem os nossos atores favoritos. Atenção, leitores, enquanto o seu Repórter Indiscreto assesta sua câmara sôbre os Estúdios da Paramount e prepara o seu livro de notas para entrevistar alguns dos ases do megafone e diretores do celulóide e captar alguns dos seus segredos nas miraculosas fórmulas que usam no mundo da lanterna mágica.

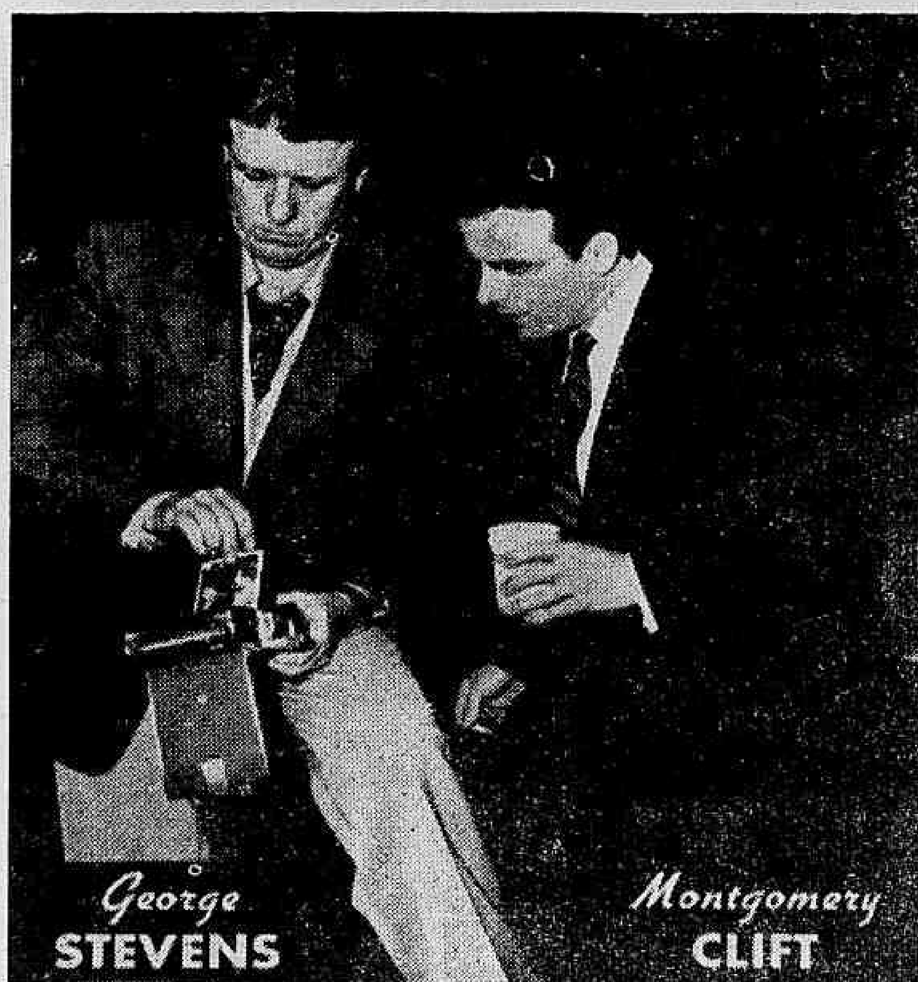
O primeiro apanhado pela objetiva do Repórter Indiscreto tem um alto nome na lista de honra. E' o produtor Hal Wallis, um dos mais importantes produtores independentes que, no momento, conversa com a sua mais sensacional descoberta feita recentemente para a tela, Charlton Heston, que tem o papel principal no filme "Cidade Negra" (Dark City), que inclui Lizabeth Scott, Viveca Lindfords, Dean Jagger, Don DeFore, etc. William Dieterle, sôbre quem lhes falaremos depois, dirigiu êsse emocionante melodrama de crime e jôgo para a Paramount, imprimindo-lhe o seu habitual cunho de excelência. Podemos confiar inteiramente na responsabilidade do criador de estrêlas Hal Wallis, que descobriu também a loura, bela e capitosa Lizabeth Scott e uma legião de outros idolos da tela, para ter a certeza de que teremos o garboso Heston, latagão de mais de 6 pés de altura, no mundo do celulóide por muito tempo, futuramente. Considerado como a mais sensacional "descoberta" desde Clark Gable, o romântico recém-chegado foi contratado, sem nem ao menos passar por um "test", pelo produtor Wallis, que disse ao Repórter Indiscreto que não segue as regras usuais na seleção de novas estrêlas. O notável produtor, que conta um sem-número de filmes de primeira categoria, adere simplesmente à regra de dar ao público personalidades novas e vibrantes.

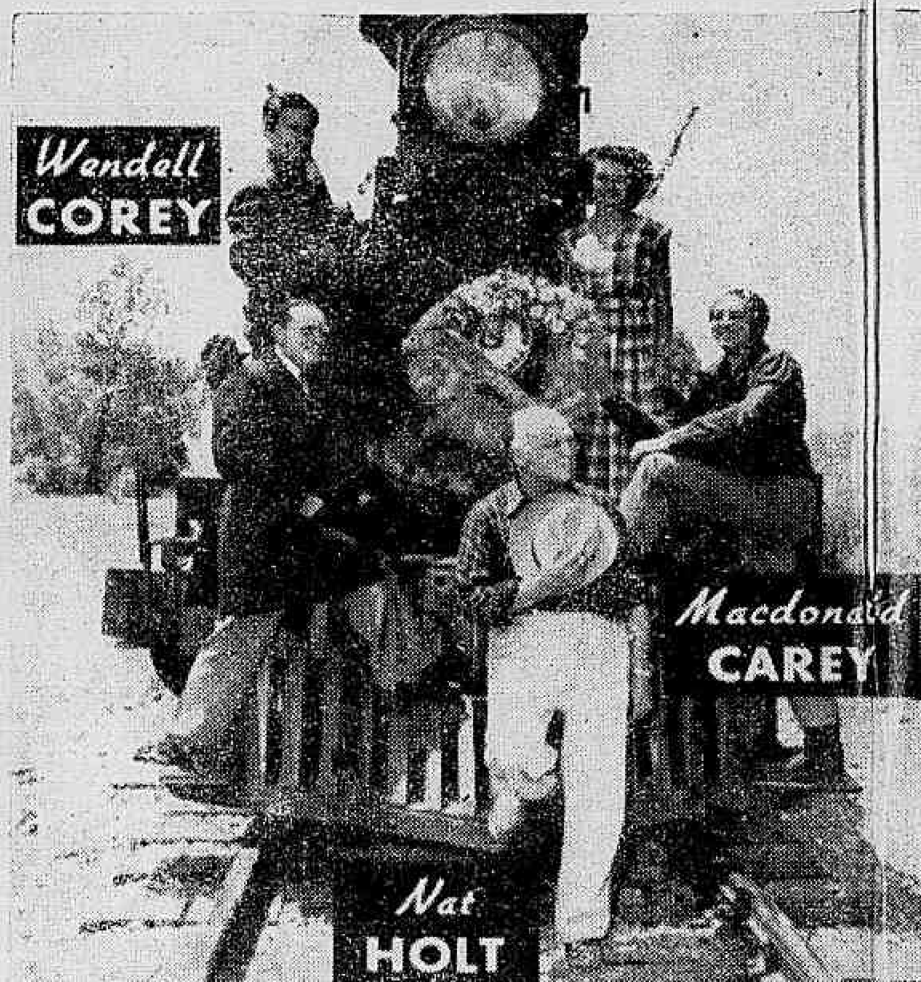
Passemos agora ao departamento de som da Paramount para falar com a loura recém-chegada Nancy Olson, que ri e se diverte com os gracejos do diretor Richard Haydn, no "set" do filme de Bing Crosby, "O Malandro e a Secretária" (Mr. Music). Nancy, descoberta por um caçador de talentos, durante a representação de uma peça de colegiais, galopou, literalmente, escada acima na subida para a fama. Partilhou as honras do estrelato com baluartes tais como Gloria Swanson e William Holden em "Crepúsculo dos Deuses" (Sunset Boulevard), e é agora a companheira de Bing em seu novo filme musicado.

E a propósito de criadores de estrêlas, o diretor Richard Haydn, hoje um dos maiores ases do megafone em Hollywood, é "um produto da própria invenção". Sua carreira foi iniciada com imenso sucesso, sendo êle um "tipo" imitador de pássaros num ato de music-hall na Inglaterra, muito apreciado pela familia real em Londres e mais tarde na Broadway, antes de levá-lo à capital do celulóide. Agora, acaba de dirigir tôda a produção de "O Malandro


Hal WALLIS — Charlton HESTON


Nancy OLSON — Richard HAYDN


George STEVENS — Montgomery CLIFT


Wendell COREY — Macdonald CAREY — Nat HOLT


Ray MILLAND — John FARROW


Hedy LAMARR — Cecil B. DeMILLE

ETA DE HOLLYWOOD

Por
Francesca Lamar
(Especial para A CENA)













e a Secretária" (Mr. Music), com seus nove números musicais. Mas o que dá comicidade ao filme é a apresentação de Haydn como um tímido e excêntrico indivíduo que financia o show de Bing Crosby. Haydn, que passou grande parte da sua vida escrevendo, representando e dirigindo peças de sucesso para o palco, a tela e o rádio, assim manifestou sua opinião de autoridade incontestável: "Um bom diretor precisa observar os tipos, seus gestos, suas idiossincrasias. Essa observação é a base da boa apresentação, que caminha de mãos dadas com a direção. Um "criador de estrêlas" tem que ser um conhecedor da natureza humana, do contrário, como pode êle guiar o destino das suas descobertas?" Deixamos o diretor Haydn, mas meditaremos na sabedoria das suas palavras.

"Click!" — estalou nossa máquina fotográfica ao apanharmos um instantâneo do diretor-produtor George Stevens, livre dos seus deveres megafônicos, enquanto demonstrava alguns dos seus segredos de câmara escura aos ávidos fãs de Montegomery Clift, galã de Elizabeth Taylor e Shelley Winters na realistica produção "Um Lugar ao Sol" (A Place in the Sun). O afável George Stevens, cinematografista de relêvo e de grande fama, angariou a reputação de conseguir como ninguém expressões de infinito realismo. Em "Um Lugar ao Sol", uma história pungente e dramática, cheia de conflitos emocionais, assim como na nova produção da Paramount "Something to Live For", com Joan Fontaine e Ray Milland, os leitores do Repórter Indiscreto terão a oportunidade de observar a técnica de direção de Stevens, que é também um mestre em revelar as ternas e humanas emoções na vida cotidiana.

O diretor Rudy Mate, acedeu em posar para nós com o mais ocupado dos atores de cinema no momento, William Holden, no "set" de "Rastro Sangrento" (Union Station), um melodrama cheio de emoções em tôrno de um rapto que tem lugar em uma enorme e movimentada estação terminal de trens, no qual trabalham também Barry Fitzgerald e Nancy Olson. O cavalheiresco "cameraman" Mate, veterano, com 25 anos de profissão, e agora já firmado como grande diretor, falou-nos longamente sôbre a filmagem do seu último celulóide, que envolve uma das mais impressionantes caças ao crime jamais vistas na tela, através de túneis e estações de caminhos de ferro. "O sucesso de um diretor depende da clareza com a qual êle consegue explicar seus desejos aos atores e ao seu corpo de técnicos, e da sua habilidade em dirigir um filme conseguindo a franca e absoluta cooperação de todos" — disse Mate. — "Penso que é da mais alta importância obter essa cooperação e a confiança dos artistas e auxiliares por meio de paciência, paciência e mais paciência.

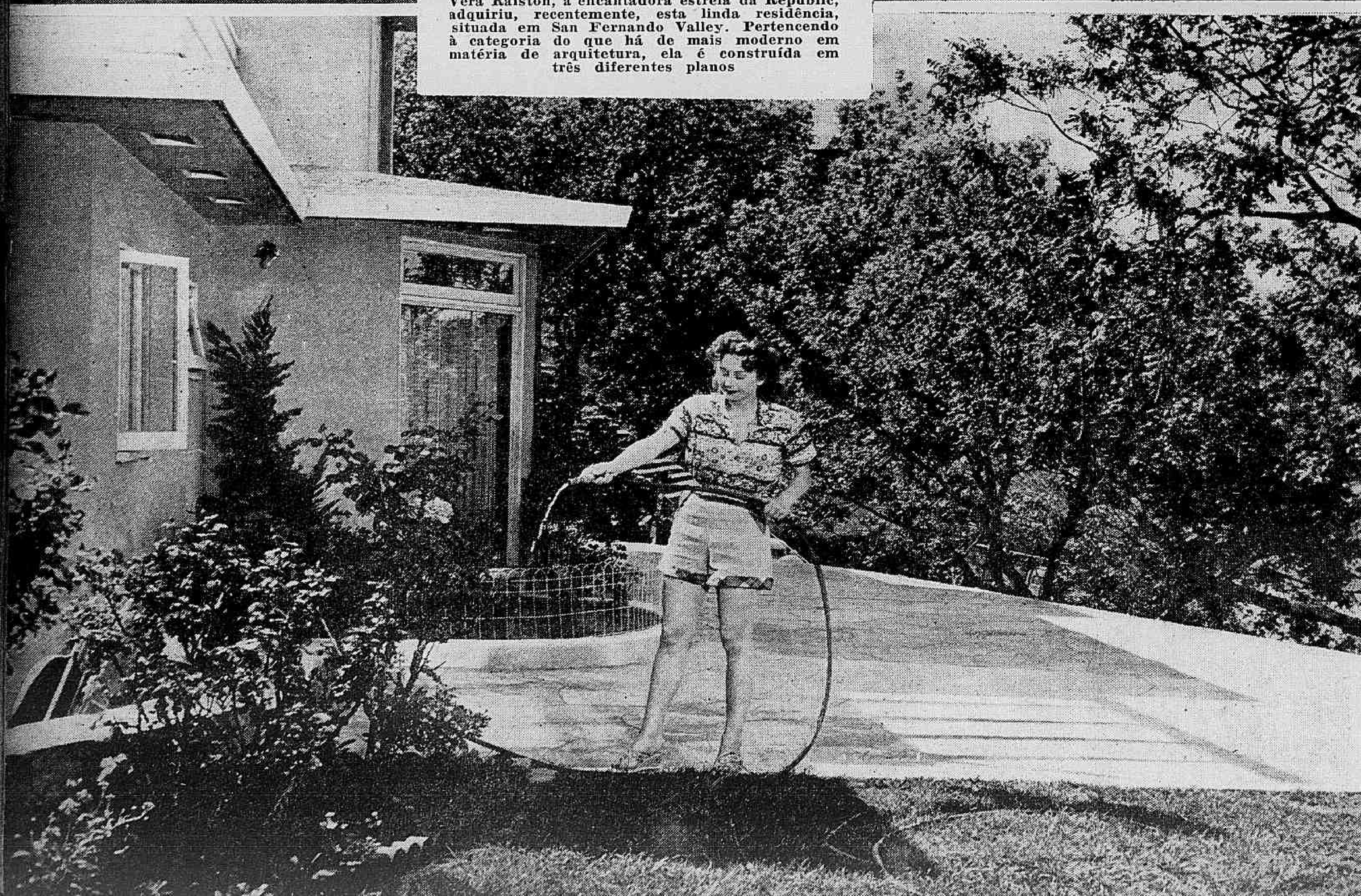
Continuamos a nossa peregrinação em direção a outro "set" da Paramount, onde a inimitável e irrequieta Betty Hutton mantinha uma grave conferência com o diretor Norman Z. McLeod sôbre uma cena do magnífico musical em Tecnicôlor "Nasci para Bailar"

(Cont. no pág. 26)



E' nesta confortável poltrona do seu «living-room» que Vera estuda os novos papéis que irá desempenhar na tela

Vera Ralston, a encantadora estrêla da Republic, adquiriu, recentemente, esta linda residência, situada em San Fernando Valley. Pertencendo à categoria do que há de mais moderno em matéria de arquitetura, ela é construída em três diferentes planos



TRÊS MIL PROPOSTAS DE CASAMENTO!

A história da vida de Vera Ralston é um drama de dois mundos... O drama teve inicio quando os dois mundos eram amigos e a sua amizade era simbolizada por uma das maiores demonstrações de boa-vontade internacional, como seja, os Jogos Olimpicos. Vera, filha de um dos mais proeminentes joalheiros de Praga, havia conquistado o coração dos seus compatriotas com um par de patins de prata, pois, com a idade de 13 anos, vencia o campeonato de patins da sua terra natal.

No ano de 1936, ela representava a Tchecoslováquia nos Jogos Olimpicos realizados em Garmisch. A sua beleza loura atraiu as atenções de Adolf Hitler, que a convidou para uma audiência particular. A resposta de Vera a êsse convite — que era mais uma ordem — foi um frio não. Ela havia ouvido falar que o homem que lhe concedia essa honra era uma criatura falsa, intolerante e cruel e, jovem como era, desdenhava qualquer associação com êle, apesar da sua alta posição como chefe de Estado.

Se Vera não houvesse cedo demonstrado esta integridade e independência de pensamento, a sua vida teria sido muito diferente do que é agora; provàvelmente, não teria nunca se tornado uma das mais promissoras estrêlas do cinema americano.

Na época dos jogos olimpicos, Hitler já pensava em conquistar o mundo e, dois anos após êsse acontecimento, quando as suas fôrças marchavam sôbre a parte norte da Tchecoslováquia, Vera e sua progenitora tomavam o último avião que saia de Praga, deixando atrás seu pai, Rodolph Hruba, que insistiu em permanecer ali a fim de proteger os negócios da familia. Elas chegaram a Nova York com apenas 30 dólares no bôlso e com as aptidões de Vera como patinadora. Não demorou muito a que ela conseguisse um contrato com uma revista no gêlo no hotel "New York".

Nesse meio tempo, Vera travou conhecimento com Herbert Yates, presidente da Republic, que lhe aconselhou a praticar mais o seu inglês e a perder alguns quilos do pêso.

Ela partiu em "tournée" artistica com a revista "Ice Vanities" e, quando a companhia se dissolveu, após meses de grande sucesso, Miss Ralston já manejava perfeitamente o idioma de Shakespeare e já havia perdido 8 quilos. Estava, pois, pronta para tentar o cinema. Entretanto,

(Cont. na pág. 27)



Vera Ralston posa para os seus fãs no paradisíaco jardim residência particular. E está bem bonita, não acham?



A única amolação das camas é que elas devem ser feitas diàriamente, assim, Miss Ralston faz a sua tôdas as manhãs. No centro, ela coloca uma boneca da Tchecoslováquia, que ganhou quando fêz oito anos de idade



Certamente que ninguém poderia almejar melhor dona-de-casa do que Vera Ralston. Eí-la aqui preparando um prato-de-frios que irá oferecer aos seus convidados para o almôço



No «living-room» da nova residência de Miss Ralston há um pequeno lago com peixes, pois a estrêla de «A Escrava do Pecado» acha que um dos melhores meios para descansar é sentar-se numa poltrona e observá-los nadar. Aqui ela prepara o alimento para êsses peixinhos



Vera é aficionada da leitura e, nesta biblioteca, ela seleciona um livro para ler antes de pegar no sono. A sua preferência na literatura é a católica, gostando de biografias, contos de ficção e reais



Birdlaud ainda atrái grande número de aficcionados do «bebop»



Ali comparecem, tôdas as noites, entusiastas dêsse gênero de música.

"BIRDLAND",

ÚLTIMO REDUTO DO BE-BOP.

Por JACKSON FLORES

Fotos AUGUSTO VALENTIN

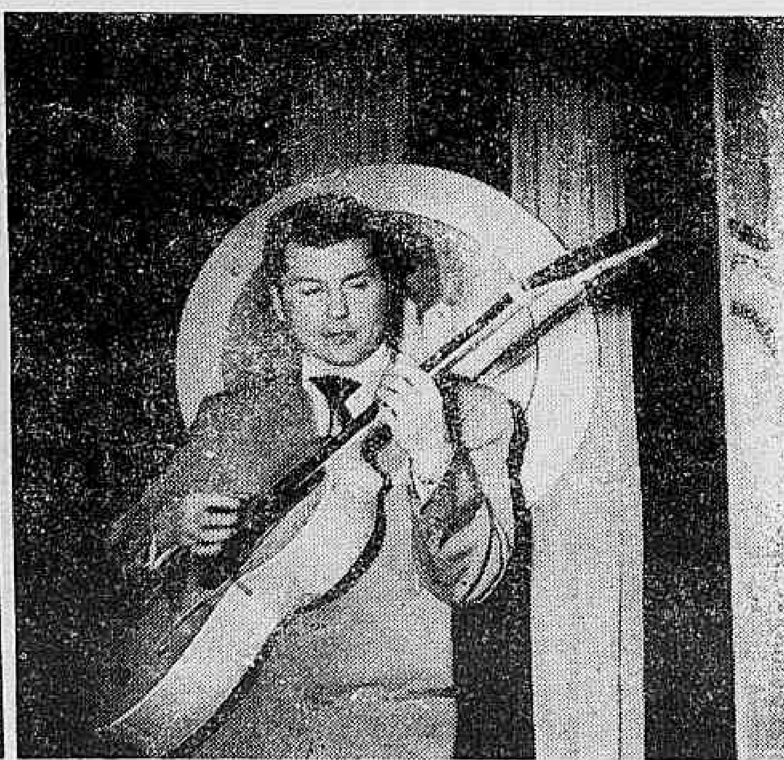
NEW YORK, fevereiro — O be-bop, êsse ritmo cuja paternidade é a mais discutida possivel, apontando-se, porém, como um dos seus criadores o pistonista Dizzy Gillespie, apareceu aí pelo ano de 1946 e, desde então, tem sido objeto de grandes controvérsias e de uma cerradíssima oposição por parte de músicos, críticos e fãs da música do jazz. O be-bop teve uma fase áurea durante os anos de 1947 a 1950, quando grandes nomes nos meios jazzísticos aderiram inteiramente ao novo ritmo e, em conseqüência, surgiram logo diversos clubes noturnos destinados especialmente à difusão do be-bop. O último semestre do ano que findou, porém, parece ter abalado as últimas energias daqueles que ainda sustentavam a propagação do novo ritmo, especialmente depois que a campanha para a volta da música de dança surgiu impetuosa e amparada pelas maiores fábricas gravadoras. A debandada foi geral e o Bop City, o maior clube de New York para a difusão do jazz moderno, trocou de política e de nome passando a chamar-se "Paradise"; outros clubes menores cerraram as portas e as revistas especializadas em assuntos de jazz, proclamaram o estado agonizante do be-bop. Maltratado e escorraçado como uma coisa indesejável, o be-bop refugiou-se no Birdland, clube noturno destinado à difusão da música moderna e que continua firme nos seus propósitos originais. Quem quer que venha a New York, por 98 centavos pode comprar uma entrada no Birdland e assistir de pé o que o be-bop tem de mais expressivo. Não pense, porém, que os curiosos que vão ao Birdland assistir à agonia do be-bop são poucos, pois, à última vez que lá estive esperei pacientemente 15 minutos numa fila do lado de fora, a uma temperatura abaixo de zero.



GEORGE SHEARING



DIZZIE GILLESPIE.



CHUCK WAYNE

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

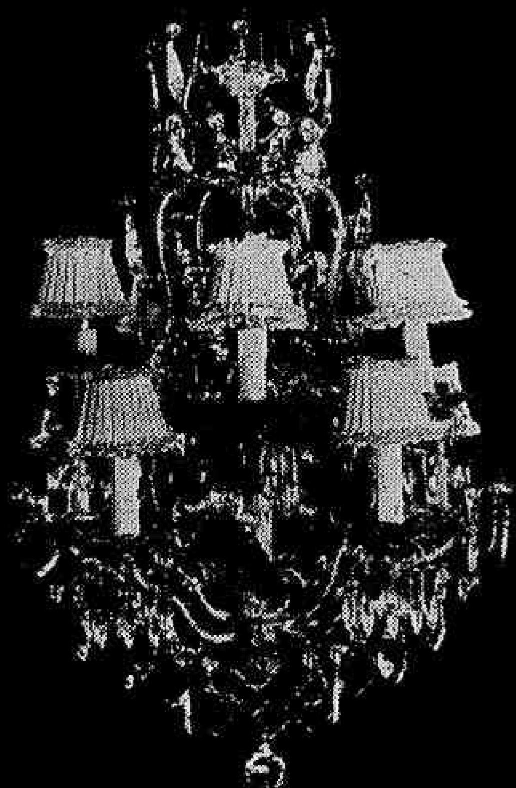
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

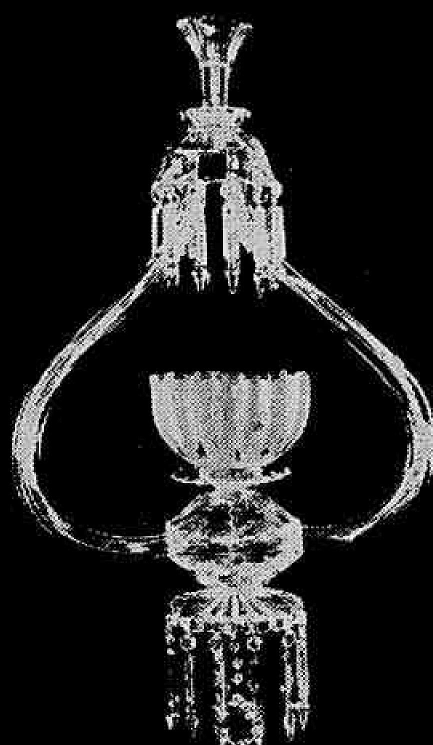
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

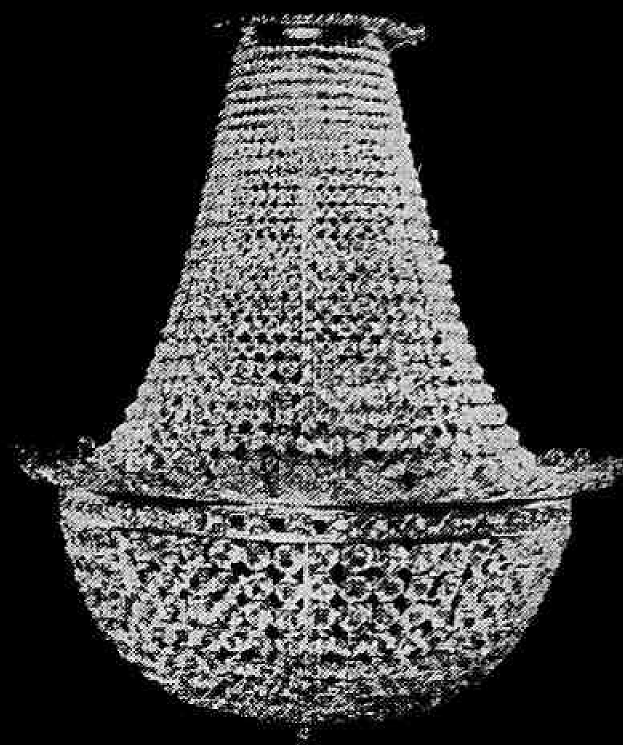
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



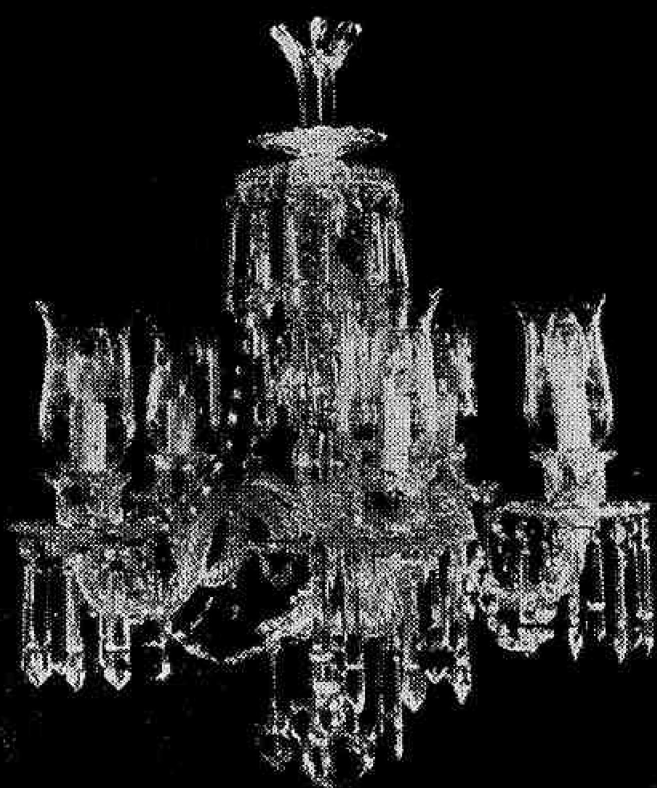
1



2



3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

ENFIN, SÓS . . .

(Cont. da pág. 6)

rante as filmagens de "Arroz Amargo". Conversamos muito e saíamos juntos algumas vêzes. Um dia êle se declarou e compreendi que nos amávamos. Aceitei sua proposta e casamo-nos. Hoje temos uma filhinha, Verônica, de um ano de idade. Algum dia trá-la-ei ao Brasil, onde pretendo voltar com mais calma e para ficar mais tempo."

— Já fêz outros filmes, além de "Arroz Amargo"?

— "Sim, faço um pequeno papel em "Elixir de Amor" e estou terminando "Il Briganti Musolino", tendo já terminado "O Lôbo da Montanha".

Neste instante, Silvana vira os olhos para o belíssimo panorama que se descortina do alto da terrace do Hotel Miramar. Fizemos a clássica pergunta:

— Que acha da praia de Copacabana?

Silvana sorriu. E deu a clássica resposta:



Silvana foi apresentada ao público brasileiro pela primeira vez, numa sessão especial no Art-Palácio, à meia noite, por intermédio da Rádio Mairynk Veiga em colaboração com a A CENA Adolfo Cruz foi o mestre de cerimônias. Sinceramente, o público foi uma tremenda decepção, pelo seu comportamento.

— "Acho que é a mais linda praia do mundo!"

— Qual o propósito desta sua viagem ao Rio?

Silvana fêz uma pausa, virou o rosto para seu marido. Mas nos seus olhos estava bem clara a resposta: veio para o lançamento do filme "Arroz Amargo", uma vez que tôda a publicidade se concentrava quase que exclusivamente no seu nome, embora êste estivesse colocado em terceiro lugar, abaixo de Doris Dowling e Vittorio Grassman. Era, sem dúvida, um golpe inteligente. E diante do seu embaraço, atiramos-lhe outra pergunta, mais suave, menos comprometedora:

— Pretende ir a Hollywood, algum dia?

— "Isso não depende de mim, mas sim dos diretores e produtores. Se aparecer alguma proposta tentadora, certamente êles estudarão o assunto. E não creio que isso seja de todo impossível."

— Quais os seus astros favoritos?

— "Gérard Philippe, Van Heflin e Katharine Hepburn."

— Está satisfeita com a recepção que tem tido aqui no Rio?

— "De uma certa forma, sim. Mas não consegui ainda me acostumar ao excessivo entusiasmo de alguns fãs."

Silvana tem razão. A publicidade lapidada em tôrno de seu nome foi bem feita, e, da noite para o dia, surgia uma nova estrêla, com tôdas as pompas e aparatos das carreiras gloriosas. Não estava ainda acostumada a enfrentar o público, a distribuir autógrafos, e a conservar permanentemente em seus lábios um sorriso cativante. Tudo era novo para ela — da mesma forma que ela era nova para o público. E o público é sempre o mesmo para as pessoas de cartaz, quer seja uma Ingrid Bergman, uma Eleanor Parker, um Tyrone Power, um Bob Hope ou mesmo uma Silvana Mangano, lançada às culminâncias do estrelato com um único filme — e ainda inédito — impulsionada pela fôrça poderosa de uma publicidade a jato.

★

Talvez seja por isso que houve algum desentendimento no coquetel oferecido aos jornalistas pela Art-Films. O diretor de publicidade dessa companhia, tudo fêz para que as coisas corressem normalmente. Tôdas as providências foram tomadas no sentido de que a entrevista coletiva transcorresse num ambiente sereno de cordialidade. O resto dependeria das relações entre os jornalistas e a própria atriz. Também comparecemos ao coquetel. Se algumas pessoas manifestavam pùblicamente que a "estrêla" era uma decepção, nem por isso outras se mostravam compreensivas, capazes de colocar a situação da estrêla numa balança de otimismo, onde os prováveis deslizes tinham que ser encarados naturalmente. Se a atriz não se apresentava em trajes de banho, com a pele bronzeada e os cabelos castanhos, se não demonstrava aquela vivacidade prometida pelos cartazes da propaganda, a culpa não era sua. Mas nem por isso, deixava de ser uma pequena bonita, amável, delicada.. Tampouco poderia sorrir, com aquêle borborinho em tôrno de sua pessoa, aquela saraivada de perguntas disformes, feitas tôdas de uma vez e nos mais vários idiomas, (com exceção do italiano) se não entendia nada do que diziam e não sabia a quem deveria responder. Particularmente, não tenho nenhuma queixa a fazer. Fui recebido com tôda a amabilidade, não só pelos representantes da emprêsa, como pela própria atriz, que me dedicou um sorriso especial, por uma piada genuìnamente carioca (embora versada para o seu idioma), como pelo seu marido, o produtor De Laurentis, que se mostrou amável. Se outros mostraram-se descontentes — com razão ou sem ela — é caso que a êles mesmo compete resolver. E publicar nos jornais, como muitos o fizeram e como eu também teria feito, se não tivesse o prazer de sair completamente satisfeito da entrevista particular como do coquetel oferecido à imprensa.

★

Quanto a Silvana, em si, achamo-la retraída, um pouco reservada. No filme, tem alguns momentos felizes, graças à competente direção de Giuseppe de Santis. Tem mesmo probabilidades de

(Cont. na pág. 26)

FÃNS DA VELHA GUARDA

COMPRO

PALCOS E TELAS — PARA TODOS — SELECTA — CINEARTE — CENA MUDA — CINE MUNDIAL — CINELÂNDIA — MOTIM. PICTURE — ALBUNS ILUSTRADOS DE CINEMA — FIGURAS DOS CIGARROS PARA TODOS E SUDAM — E FIGURAS DAS BALAS CENTENÁRIO. — ALBUNS DE CINEARTE E PARA TODOS — FOTOGRAFIAS DE ARTISTAS ANTIGOS E TUDO REFERENTE AO CINEMA MUDO.
A CEITO CORRESPONDÊNCIA.

ANTÔNIO CARDOSO — RUA BAMBINA Nº 68 — BOTAFOGO
TELEFONE, 26-2930 — RIO DE JANEIRO.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

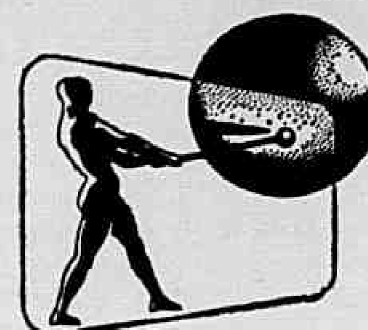
FILMES EM 16 MILÍMETROS

UNIVERSAL-INTERNATIONAL e J. ARTHUR RANK



UNIVERSAL FILMES, S.A.

RUA SENADOR DANTAS, 39 - Térreo



TEM À DISPOSIÇÃO DOS INTERESSADOS OS FILMES ABAIXO MENCIONADOS:

EM TECNICOLOR

AS MIL E UMA NOITES
(Jon Hall — Maria Montez — Sabu)

RAINHA DO NILO
(Maria Montez — Jon Hall — Turhan Bey)

MULHER SATÂNICA
(Maria Montez — Jon Hall — Sabu)

ALI-BABA E OS 40 LADRÕES
(Maria Montez — Jon Hall — Turhan Bey)

OS DALTON RETORNAM
(Alan Curtis — Lon Chaney)

ATIRE A 1ª PEDRA
(Marlene Dietrich — James Stewart)

O FILHO DE FRANKENSTEIN
(Boris Karloff)

A VOLTA DO HOMEM INVISÍVEL
(Vicent Price — Cedric Hardwick)

A VINGANÇA DOS DALTONS
(Randolph Scott — Kay Francis)

PARADA DA PRIMAVERA
(Deanna Durbin)

FLASH GORDON

FLASH GORDON NO PLANÊTA MARTE

ORDINÁRIO... MARCHE
(Bud Abbott e Lou Costello)

CORVETAS EM AÇÃO
(Randolph Scott — Ella Rains)

OS MISTÉRIOS DA VIDA
(Edward G. Robinson — Barbara Stanwyck — Charles Boyer — Betty Field)

A VINGANÇA DO HOMEM INVISÍVEL
(John Hall — Gale Sondergaard)

NOITE DE PECADO
(Charles Boyer — Margaret Sullavan)

TANGER
(Maria Montez — Robert Paige — Sabu)

ASSASSINOS
Fred MacMurray — Ava Gardner)

BRUTALIDADE
(Burt Lancaster — Hume Cronin)

SINGAPURA
(Fred MacMurray — Ava Gardner)

CARTA DE UMA DESCONHECIDA
(Joan Fontaine — Louis Jourdan)

O EXILADO
(Douglas Fairbanks, Jr. — Maria Montez)

CIDADE NUA
(Barry Fitzgerald — Howard Duff)

FRANKENSTEIN
(Boris Karloff — John Boles)

SAUDADES DO PASSADO
(Maria Montez — Susanna Foster)

A PECADORA
(Marlene Dietrich — John Wayne)

BANCANDO GRÃ-FINOS
(Bud Abbot e Lou Costello)

DOIS RECRUTAS VOLTAM
(Bud Abbot e Lou Costello)

ESQUINA DO PECADO
(John Boles — Irene Dunne)

DÚVIDA
(Ela Raines — Charles Laughton)

O IMPOSTOR
(Jean Gabin)

DAMA FANTASMA
(Ella Raines — Aurora Miranda)

ARSENE LUPIN
(Charles Korvin — Ella Raines)

O MILAGRE DA FÉ
(Gloria Jean)

CAMISA DE 11 VARAS
(Bud Abbott e Lou Costello)

A MANSÃO DE FRANKENSTEIN
(Boris Karloff — Lon Chaney)

A DAMA DESCONHECIDA
(Deanna Durbin)

OS GREGOS ERAM ASSIM
(Alan Jones)

O ÔVO E EU
(Claudette Colbert — Fred MacMurray)

DESESPÊRO
Susan Hayward — Lee Bowman)

UMA AVENTURA ARRISCADA
(Ella Raines — Edmond O'Brien)

ABBOTT & COSTELLO ÀS VOLTAS COM FANTASMAS
(Bud Abbott e Lou Costello)

AMEI UM ASSASSINO
(Burt Lancaster — Joan Fontaine)

CLANDESTINOS
(Marta Toren — George Brent)

NEM TUDO QUE RELUZ E' OURO
(Marjorie Main — Percy Kilbride)

QUE VIDA APERTADA
(William Bendix — Meg Randall)

AMOR E ESPADA
(Douglas Fairbanks, Jr.)

VICIADA
(Barbara Stanwick — Robert Preston)

ALMAS ABANDONADAS
(Stephen MacNally — Sue England)

A FERA DE KUMAON
(Sabu — Joan Paige)

★

J. ARTHUR RANK:

SÉTIMO VÉU
(Ann Todd — James Mason)

MADONNA DAS SETE LUAS
(Margaret Lockwood)

MALVADA
(James Mason — Margaret Lockwood)

CONDENADO
(James Mason — Kathleen Ryan)

DESENCANTO
(Celia Johnson — Trevor Howard)

★

FARWESTS:

(Tex Ritter — Rod Cameron — Johnny MacBrown)
FALSO BANDIDO
CAVALEIROS DE SANTA FÉ
BANDOLEIROS DO OESTE
SENTENÇA QUE MATA
ESTRADA DA MORTE
ÚLTIMA LUTA
TERROR DA ZONA
LEI DO OESTE
CASTIGO MERECIDO
COWBOY DANÇARINO
A LEI MANDA

SERIADOS — COMPLEMENTOS — DESENHOS

ENFIM, SÓS . . .

(Cont. da pág. 24)

tornar-se uma boa atriz. Caso não chegue até Hollywood, onde, pròvàvelmente, seria transformada numa segunda edição de Betty Grable — com probabilidades de muito mais êxito. Na vida real, não apresenta metade das características físicas que a tela nos mostra. Mas é bem provável que se ela se metesse num maiô e enfrentasse o sol de Copacabana, a fim de queimar-se um pouco, se tornaria naquele mesmo tipo sensual de linhas eloqüentes que vimos em "Arroz Amargo". E era justamente isso o que o Rio queria: confirmar visualmente os textos da publicidade e os "stills" da película. Mas Silvana é casada, é mãe de família, e o produtor De Laurentis zela muito pela saúde, que a estas horas vai muito bem, obrigado...

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO: — ENTREVISTA COM RICARDO MONTALBAN

RCTEIRO DE . . .

Cont. da pág. 30)

até a garôta Claire, que já havia aceitado de "Ma Pomme" a herança por êste prometida, não encontra a felicidade. Seu marido, que se sente endeusado por ela, se aborrece de sua profissão, já desnecessária para o sustento de ambos. "Ma Pomme", cansado de sua fictícia felicidade, faz construir um amplo palácio, "O Hotel dos Vagabundos", que receberá todos os mendigos da cidade. Dessa forma, o jovem arquiteto voltaria a sentir gôsto pela sua profissão. Quanto ao vagabundo, retorna à sua vida antiga, a única a que se adapta. "Ma Pomme" é uma personagem apta para o texto e a imagem. Sua filosofia simples e de bom rapaz, sua alegria natural e sua gentileza, fazem de "Ma Pomme", um assunto deveras interessante para o escritor. Sua aparência física, o gozado chapéu pouco asseado, sua testa marcada pelas bebedeiras, faz dêle um dêsses tipos populares com o qual se haveria de regalar o lápis de Gavarni, Paubolt ou Abel Faivre. O bom êxito da composição cinematográfica é, indiscutivelmente, devida a Chevalier, que forneceu ao diretor um tipo pré-fabricado, por assim dizer, até nos seus mínimos detalhes, burilado com esmêro. "Ma Pomme" não é a criação de um cantor ou de um ator, senão a de um pintor. Algumas capitais como Bruxelas, Madrid, Genebra, reservaram ao filme "Ma Pomme" os mais entusiasticos comentários. Falta Paris. Êsse Paris por onde vagueiam os "Ma Pommes" e onde nasceu. Ninguém é profeta em sua terra, afirma o malévolo provérbio. Se lhe conhecem, graças a Deus, numerosas exceções, entre as quais Maurice Chevalier figura como a mais bela e duradoura...

REPORTAGEM . . .

(Cont. da pág. 19)

(Let's Dance), com o célebre bailarino Fred Astaire como galã de Betty. Quando interrogamos o retraido e modesto McLeod, que é reconhecidamente um mestre da comédia no cinema, sôbre o que constitui o sucesso de um diretor, sua resposta veio cheia de filosofia: "Na atual situação do mundo, o público prefere alegres e despreocupados argumentos que o distraiam da tensão de todos os dias. O que faz um bom filme de comédia é causar-nos riso e bom-humor. Esta receita também serve para os filmes das outras categorias" — terminou êle. Para o seu Repórter Indiscreto, a opinião está certa, pois temos também essa teoria de "Conserve o seu sorriso!" Teremos outros votos de aprovação?

O mais afamado produtor de filmes sôbre pioneiros e colonizadores é Nat Holt. Sua nova saga em Tecnicólor, pontilhada de tiros, "A Vingança de Jesse James" (The Great Missouri Raid), em tôrno da fabulosa mas autêntica história das aventuras dos antigos bandidos da América, estava sendo filmada ao ar-livre. O bem humorado Holt e seus atores principais, Wendell Corey, MacDonald Carey e Ellen Drew, consentiram alegremente em posar para a nossa objetiva trepados na veneranda locomotiva usada durante a famosa seqüência do roubo no trem, nessa emocionante aventura produzida pela Paramount. O criador dos grandes espetáculos coloridos ao ar-livre, falou com a franqueza de um vigoroso individualista quando o interrogamos a respeito das suas produções. "Os truques são bons" — disse Holt — "quando se trata de dramas elaborados, que se desenvolvem nas grandes cidades, mas o meio de fazer o público sentir que está realmente na cena da história filmada, é levá-lo lá... por meio da objetiva! A ilusão de realidade nos espaços abertos é o que realmente cativa os espectadores. Na movimentada produção "A Vingança de Jesse James" o produtor Nat Holt pratica o que pregou. O impressionante argumento foi filmado ao ar-livre com um "cast" de estrêlas e mais de 150 técnicos.

Depois dêsse pequeno giro em tôrno dos Estúdios, o seu Repórter achou que havia feito muito. Resolveu dormir sôbre as glórias dessas pequenas informações preciosas. Para um dia só, chega!

Um intervalo para mudança de cena, deu ao seu Repórter a rara oportunidade de bater uma chapa da loura Joan Fontaine mordendo uma maçã no "set" de Hal Wallis para "Paraiso Proibido" (September Affair), enquanto o diretor William Dieterle andava por perto. Os interiores para êsse drama romântico, onde também Joseph Cotten tem papel de destaque, foram filmados nos imensos palcos da Paramount, ao passo que a maioria das cenas de fundo o foram nas belas e históricas paisagens italianas. Assediamos o amável Dieterle e corajosamente lhe perguntamos o que é preciso para fazer o sucesso de um diretor de filmes. Êle recuou ao impacto direto da nossa pergunta, mas respondeu com igual franqueza, explicando o fenômeno do seguinte modo: "No principio não há coisa alguma, depois dêsse nada, com esfôrço considerável, sai um filme de cinema. Às vêzes, o diretor parte de uma idéia, às vêzes de um argumento nascido no cérebro de uma escritor. Em ambos os casos o resultado final vem a ser muito diferente daquilo que se concebeu no início, pois os filmes, como as peças de teatro não são apenas escritas uma vez, e sim muitas. Trabalho e mais trabalho para vencer, é o meu lema!" Que mais acrescentar?

Enchendo de alegria o "set" da Paramount para a sua nova e hilariante comédia "O Conde em Sinuca" (Fancy Pants) estava o nosso favorito de todos os tempos, o incomparável sr. Robert Hope, dessa vez *sem* a sua habitual e graciosa companheira de cabelo vermelho Lucille Ball. O diretor George Marshall e o pessoal técnico estavam partilhando os gracejos do popular comediante, quando o seu Repórter bateu essa chapa. E a propósito de mestre da alegria ao megafone, que não reste dúvida de que o diretor George Marshall mereceu êsse laudatório epiteto, depois de completo êsse filme Tecnicólor de grande escala, que marca o seu 36º aniversário como diretor de produções cinematográficas. Marshall é um homem de ação no sentido verdadeiro da palavra. Em vez de ficar instalado em sua cadeira de diretor, gritando instruções aos seus atores, arremessa-se ousadamente em cena e demonstra o efeito que deseja. "Afinal" — explica o famoso diretor ao seu Repórter — "não se deve deixar tudo à imaginação, e os atos falam mais que as palavras!". E' o que um dos mais célebres diretores de Hollywood teve para dizer sôbre filmes tais como "O Conde em Sinuca", um dêsses filmes que fazem com que o público volte para ver tudo outra vez.

O diretor-autor John Farrow e o garboso Ray Milland estavam examinando um modêlo em miniatura do "set" para o filme da Paramount "O Vale da Ambição" (Copper Canyon), no qual Hedy Lamarr, MacDonald Carey e Mona Freeman são co-estrêlas. Um dos mais notáveis criadores de filmes cinematográficos de Hollywood, John Farrow é também famoso por introduzir aqui e ali verdadeiras inovações. Nesse colorido filme épico, cheio de seqüências emocionantes, êle introduz maravilhosos efeitos cinematográficos, pequenos detalhes que fazem do conjunto uma verdadeira obra-de-arte. Farrow, que gosta de ser desafiado por tôda a sorte de dificuldades para resolvê-las brilhantemente sob quaisquer circunstâncias diz: "Segundo minhas múltiplas experiências, desenvolvi uma espécie de automatismo que guia o meu trabalho e, em geral, me serve bastante bem. Sem dúvida, há sempre o problema primário de criar e desenvolver novos modos de filmar, porém, quanto mais me sinto desafiado mais me encanta descobrir e conquistar". O destemido Farrow é bem um rival do diretor de cinema que tem igualmente fama de ser o ator mais versátil de Hollywood!

O homem, cujas notáveis produções são conhecidas como modelos de previsão, e que tem em mente desde o principio a forma pela qual uma história ficará terminada depois da filmagem, é o produtor-diretor Cecil B. DeMille. Hedy Lamarr, que tem o papel de Dalila, contracenando com o Sansão feito por Victor Mature no filme épico e biblico de DeMille "Sansão e Dalila" (Samson and Delilah), magnífica produção em Tecnicólor, estava descansando no "set" em companhia do famoso diretor no momento em que batemos uma chapa de ambos. "C. B.", conforme é conhecido o mestre criador de filmes entre os que trabalham com êle, leva aos ombros a suprema responsabilidade pela interpretação de tôdas as suas obras, raramente delegando aos seus técnicos decisões importantes. O próximo espetáculo monumental na lista do miraculoso diretor é "The Greatest Show on Earth", um filme colossal, em Tecnicolor, baseado na história dos mundialmente famosos circos Ringling Brothers, Barnum e Bailey. "Êsse vai ser o mais intricado trabalho que já emprendemos" — disse o glorioso diretor ao seu Repórter. Mas, não tenham cuidado. "C. B." nunca falhou antes.

No "set" da Paramount para "Crepúsculo dos Deuses" (Sunset Boulevard), não perdemos tempo em fotografar a incomparàvelmente gloriosa Gloria Swanson, co-estrêla de William Holden nesse fabuloso conto da vida em Hollywoood, e o fizemos no momento em que ela punha uma flor na lapela do diretor Billy Wilder. Antes de que êsse retomasse o seu pôsto atrás do megafone para a cena seguinte, relembramo-lo da promessa que nos fizera de revelar alguns dos métodos que êle e o seu colaborador Charles Brackett empregaram durante a criação dêsse extraordinário filme. Billy Wilder ponderou um pouco antes de nos esclarecer sôbre os métodos usados por êle e Brackett que, mesmo antes de começar a escrever o argumento, já tinham tudo delineando, inclusive os diálogos. O diretor, que possui uma notável memória, lembra-se de tôdas as modificações que fizeram na idéia original, desde que era apenas um embrião. Brackett escrevia à mão e Wilder passeava por perto, representando tôdas as cenas dessa interessante história sôbre uma grande atriz da cena muda que possuia um passado glorioso. Nas palavras do produtor-escritor Brackett, "a menos que você acredite sinceramente que a tela é o melhor meio de expressão do mundo, não deve envolver-se em questões de cinema".

Para terminar nossa lista, enveredamos pelo "set" da Paramount para o filme "O Quarto Mandamento" (The Mating Season), onde encontramos o diretor Mitchell Leisen e a linda Gene Tierney, co-estrêla nessa comédia dos tempos modernos de John Lund e Miriam Hopkins. O alto e garboso Leisen, que superintende todos os detalhes na preparação dos seus filmes, incluindo cenários, é conhecido por exigir o maior realismo nas produções que dirige. "E' minha crença firme" — diz êle — "depois de 17 anos de direção, que o "set" é o terceiro ator em qualquer cena. Acessórios e ambiente devem descrever o que o argumento exige, e precisam mostrar, ao primeiro olhar, prosperidade, pobreza, estados de espírito, tudo o que fôr necessário à visão para que o público saiba o que se está passando. Não há necessidade de diálogo explicativo para esclarecer certos pontos se o ambiente nos contar a história". O sucesso de todos os filmes de Leisen atesta que êsse diretor sabe o que quer e, sem dúvida alguma, o consegue.

APUROS DE UM ANJO

(Cont. da pág. 11)

nha beijado e sòmente a intervenção de Arthur, por via de um beligerante dobrar de sinos, o havia lembrado de seus deveres.

Naquela noite, Charles foi procurar Arthur no jardim.

— Sòmente espero que Haidekiah coopere tanto agora à noite como cooperou à tarde. Talvez, — desde que Arthur estava encarregado das preparações — para início de conversa, o sutil e delicioso odor de flores banhado em luar...

— Sendo o único presente capaz de sentir as sensações dos mortais, você tem de auxiliar um pouquinho.

Charles sorriu contente.

— Agora, creio que uma brisa morna e gentil talvez ajudasse um pouco.

Assim que Arthur ergueu os braços, as fôlhas das árvores começaram a balançar suavemente. Arthur diminuiu a brisa um pouquinho e os dois foram olhar para dentro do quarto de Lydia, onde ela, de negligée, de ora em quando deixava o espelho onde estava escovando os cabelos, para sentir o perfume das flores do jardim. Jeff, êles descobriram, estava no bar, com os olhos pregados no original, embora de ora em quando erguesse os olhos para, sonhadoramente, apreciar o romântico luar.

— Você pode dizer-me alguma coisa do que êle possa estar pensando e sentindo neste momento? — Arthur demandou.

— Usando o meu ser como juiz, posso dizer que êle está definidamente pensando. Quanto às suas sensações, está sentindo aquela deliciosa e evanescente sensa...

Êle parou repentinamente, pois uma nuvem gigantesca estava começando a passar em frente à lua. Arthur fêz um gesto e novamente os campos adquiriram aquêle tom brilhante, emprestados pelos raios lunares. Charles olhou para Jeff e Arthur acompanhou o seu olhar. Êle se estava levantando e preparava-se para apagar a luz. Então, êle se encaminhou para o quarto de Lydia e segundos depois a luz deixou de atravessar a janela.

Os anjos já começavam a usufruir da deliciosa sensação quando Arthur olhou para a janela acesa de Daphne. A luz do interior era fraca e o luar penetrava vagarosamente através da janela. De repente, Daphne a abriu e Charles se encaminhou para ela logo que viu a cabeça de Daphne aparecer.

— Charles, — gritou Arthur em pânico — seja forte. Imploro-lhe para voltar. Pela camaradagem que você me devota, pelo seu próprio amor, pelo amor de Deus!

Sem prestar nenhuma atenção, Charles continuou caminhando. Batendo discretamente na porta, falou:

— Sou eu, Slim, favo-de-mel.

Charles foi prontamente admitido no quarto, enquanto todos os sinos da região badalavam.

Poucos minutos depois êle reapareceu.

— Você e seus sinos! — exclamou êle, falando para Arthur. — Acabava de me lembrar onde havia deixado o meu chapéu.

— Bem, como é que você queria que eu soubesse que você tinha ido sòmente...

— Arthur! — exclamou Charles, assumindo uma atitude fidalgal. — Estou chocado que você pensasse tal...

No dia seguinte, Jeff recebeu um telegrama, dizendo que Tex McCord, que havia financiado a sua última peça chegaria no trem de dez horas.

Antes de o rancheiro chegar, porém, êles receberam a visita de Tony, o espôso de Daphne, um ator que tinha feito tantos papéis de gangster que êstes tinham subido à sua cabeça, como Charles descobriria pouco depois.

— Vim ao Este apenas para acertar um tal negócio de impostos — disse Tony. — Pensei em dar uma olhadela por aqui e levá-la comigo, entende? Quer vir por bem ou eu tenho de arrastá-la?

— Eu não molestaria a madame se fôsse você — Charles meteu-se na conversa.

— Metido a bêsta, hein? — Tony sacou uma faca e descansou-a num botão da camisa de Charles.

Charles tinha tirado fumo e papel para fazer um cigarro. Quando levantou a mão para molhar o papel, soprou o fumo nos olhos de Tony, tirou a faca de sua mão e deu-lhe um sopapo no queixo.

Gary Cooper não poderia ter feito isso melhor — elogiou-lhe Daphne.

— Foi com êle que aprendi — confessou Charles.

Neste momento, Jeff entrou acompanhado de Tex, que prontamente se dirigiu para Charles.

— Quer dizer que você é o novilho que entrou no meu curral enquanto eu não estava olhando.

— Quer dizer que você também gostaria de botar o dinheiro nesta peça? — indagou Charles desconsertado.

— Se gostaria! — retrucou Tex. Você chegou primeiro, Slim.

— Bem, — exclamou Charles — mas penso que, desde que você financiou o último, para mim é como se houvesse botado marcas numa terra. Se eu ficasse com êsse, teria a impressão de que o tinha feito enquanto você estava com as costas viradas.

— Eu sei o que nós vamos fazer. Vamos decidir com as cartas — sugeriu Tex. — P'ra ficar mais interessante, o perdedor receberá um prêmio de consolação. A carta mais alta financiará a peça e pagará dez mil dólares ao perdedor.

Antes que Charles pudesse responder, Tex já havia tirado um baralho do bôlso e tirara um *três*. Silenciosamente clamando por ajuda, Charles tirou a sua carta e — graças a Haidekiah — esta era um *dois*.

Um mês depois, durante o qual Charles estivera vivendo num grande apartamento, êle resolveu dar uma festa em comemoração ao oitavo aniversário de casamento de Lydia e Jeff. Arthur, sem nada o que fazer, transmitiu telepàticamente uma grande história ao prospectivo pai de Joe e agora talvez o garôto também pudesse nascer.

Bem, mas a festa, tal como Charles a planejara, foi um sucesso e quando Lydia e Jeff deixaram o "night club" Lydia estava radiante. Ela falou ao espôso de seu súbito desinterêsse pelo teatro e sua aspiração em possuir um lar e uma família.

No entanto, Charles também teve de enfrentar os seus problemas, pois foi procurado por um dos homens do tesouro do govêrno americano, que lhe veio perguntar porque nunca pagara impôsto de renda em sua vida. Charles, como qualquer outro anjo faria, cometeu o engano de dizer que era um anjo e que viera à terra apenas para resolver um pequeno problema.

O resultado é que Charles foi parar num hospital de psiquiatria e os médicos todos achavam que êle estava mesmo maluco. Já desesperado, tentou desaparecer, mas não conseguiu. Vendo os seus esforços frustrados, implorou a Haidekiah:

— Oh, Haidekiah, olhe para o seu estúpido, sujo, mas sempre devotado emissário. Peço-lhe que me livre de morar para sempre neste grotesco sarcófago.

— Oh, pare com isso! — Arthur gritou indignado. — Você é como todos os outros mortais. Faz uso da ganância, do poder e do egoismo como uma pá e, desta maneira, cava a sua própria sepultura. Então torna-se bastante piedoso e volta-se para a oração.

Neste instante preciso, Item entrou no quarto.

— Charles, apure-se! Êles precisam de você. Tiveram uma tremenda briga e êle vai sair de casa. Você tem de falar com êles.

— Eu já falei de mais — disse Charles, tristemente. — Vir para aqui foi tão fácil, mas para deixar parece ser bem difícil.

KIRK DOUGLAS

(Cont. da pág. 8)

glas temia que o transformassem em um personagem romântico em Hollywood. Para sua surprêsa, tornou-se ràpidamente um dos principais tipos "neuróticos".

Depois de seu êxito inicial em "The Strange Love of Martha Ivers", Douglas interpretou uma série de papéis secundários. Todos êles contribuiram para demonstrar sua versatilidade, sua capacidade de desempenhar tarefas diferentes igualmente bem. Apareceu em "I Walk Alone" e "Out of the Past". Atuou em "Mourning Becomes Electra", "Walls of Jericho", "My Dear Secretary" e "Letter to Three Wives". Finalmente, na primavera de 1949, abriu caminho para o estrelato como o campeão de pugilismo em "Champion". Douglas considera "Champion" como "a melhor coisa que já fiz naquilo que considero como o filme mais forte jamais produzido". Nesse filme, Douglas permanece em cena durante quase todos os 99 minutos de projeção. Antes de iniciar a filmagem, treinou pugilismo durante seis semanas.

— "A luta-livre dera-me boa coordenação" — explica Douglas — "mas eu jamais praticara pugilismo. Por isso, precisarei aprender. Estava decidido a ser e não apenas fingir que era um poderoso lutador no tablado."

Depois de "Champion", foi contratado pela "Warner Brothers" para realizar nove filmes durante um período de sete anos. Sua primeira película para essa emprêsa foi "Young Man with a Horn", inspirado na carreira de Bix Beiderbecke, músico de "jazz" que conquistou fama nos anos posteriores a 1920. Douglas passou dois meses aprendendo a tocar pistão sob a orientação de um musicista do estúdio, a fim de dar maior verossimilhança a seu papel. Em seguida, Kirk atuou no drama de Tennessee Williams "The Glass Menagerie".

Para o futuro, Kirk Douglas tem muitos planos. Formou uma emprêsa independente para filmar um argumento de Ben Hecht intitulado "My Shadow". Nesse filme, Kirk interpretará um papel duplo.

Uma das atuais ambições de Douglas é interpretar Cyrano de Bergerac em uma planejada produção da peça de Rostand. De maneira geral, porém, atingiu um ponto em que olha tanto para o passado como para o futuro. Sôbre o passado diz: "Em certo sentido, trabalhar em tantos empregos diferentes foi algo deliberado. Afinal de contas, o que um ator faz é retratar a vida. Retratar a vida honestamente talvez não seja uma contribuição tão grande quanto a de um médico, um ministro ou um cientista. Contudo, é a única contribuição que um ator pode dar e, evidentemente, quanto mais experiência tiver melhor será sua contribuição."

TRÊS MIL PROPOSTAS DE CASAMENTO

(Cont. da pág. 21)

uma dificuldade surgiu então. O seu tempo de permanência nos Estados Unidos estava esgotado e ela era obrigada, pela lei, a partir ou seria deportada para o seu país, que se encontrava em guerra naquela época. Quando a sua embaraçosa situação veio à público, Vera recebeu três mil visitante foi prolongado e a "estrêla" de "A Escrava do Pecado" pôde permanecer legalmente na terra de Tio Sam. Felizmente, o seu passe de propostas de casamento, proferidas como um meio para que ela pudesse assim naturalizar-se cidadã norte-americana.

O seu primeiro desempenho na tela foi no filme da Republic "Ice Capades Revue", o qual mostrava tôda a "troupe" de patins "Ice Capades". A película foi um sucesso e ela obteve um triunfo pessoal. Um longo contrato com a Republic foi a sua recompensa. Após êsse filme, ela figurou em "Plaanices Perigosas", e muitos outros sucessos, entre os quais "Estranha Caravana", "Sedução Trágica" e "Escrava do Pecado", êstes ainda inéditos entre nós.

O nome verdadeiro da estrêla de "Escrava do Pecado" é Vera Hruba, tendo adotado legalmente o sobrenome de Ralston, ao naturalizar-se. Nasceu na cidade de Praga, na Tchecoslováquia, num domingo, 12 de julho. Possui pele clara, cabelos alourados, olhos azuis e um belo e perturbador sorriso. Logo após o término da guerra, seu pai e seu irmão reuniram-se a Vera e sua progenitora, vivendo agora todos juntos na Capital do Cinema.

— Por que você não desaparece? — indagou Item.

— Eu já tentei. A única coisa que acontece é que minhas calças caem.

— Se eu voltasse, êles deixavam você ser anjo novamente? — perguntou Item pensativamente.

— Querendo tanto nascer, você faria isso por mim?

Ela meneou com a cabeça afirmativamente e disse:

— Como é o nome de seu chefe?

— Haidekiah.

Item soergueu os olhos para o alto numa súplica muda. Então, o hospital foi envolvido por um espoucar de luzes, balançado por trovões e ficou escuro.

— Êle... êle... êle... desapa... receu enquanto... eu estava olhando — um doutor explicou aos diretores no gabinete.

Um dos psiquiatras mais idosos apanhou papel e lápis e disse:

— Sente-se, doutor, — disse êle suavemente — e conte-me exatamente o que aconteceu. Mas, antes, diga-me alguma coisa a seu respeito. Como é o seu nome por extenso?

Item parou no balcão do apartamento dos Boltons.

— Não me demorarei nem um minuto — explicou Item — Apenas quero dar mais uma olhadela antes de ir-me.

— E' criancice terminar tudo com brigas e batidas de porta. Apesar de tudo, passamos sete anos maravilhosos juntos.

Exatamente neste ponto o pequeno Joe veio correndo.

— Estou no meu caminho, pessoal! — anunciou êle. — Você sabe aquela idéia que você lhe deu, Arthur? Êle vendeu a uma companhia editôra e recebeu um grande adiantamento.

— Eu estou de volta — Item disse-lhe. — Embora eu odeie a idéia, mais do que nunca. Porque agora que posso pegar nesta varanda e sentir o perfume das flores. Até logo, Mamãe. Adeus, Papai. Lamento que vocês nunca me tenham conhecido.

Lydia e Jeff estavam com os seus copos erguidos, num brinde de despedida. Depois de experimentar um pouquinho, Jeff apanhou uns amendoins e começou a comer.

— Dê-me alguns, por favor — Lydia pediu.

— Estranho! — murmurou Jeff. — Nunca pensei que você pudesse tolerar amendoins.

— E' verdade. Mas, por alguma razão, acabo de sentir desejo de comer alguns.

— Você pretende primeiro ir à Inglaterra? — Jeff sorriu e indagou: — Querida, êste desejo súbito... você não acha...

— Nunca pensei nisso. Mas, tenho-me sentido estranhamente maternal desde a semana passada. E' bem possível, você sabe.

Jeff estava caminhando na sala da maternidade, fumando cigarro após cigarro, sem calma, quando um homem mais ou menos da sua idade se encaminhou para êle:

— Você é Jeff Bolton, não é? Sou Roger Blake.

— "O Anjo Vigia"? — perguntou Jeff. Pensei que o houvesse reconhecido. E' um grande trabalho. Já pensou em dramatizá-lo?

— Devo dizer que sim — admitiu Roger. — Com a sua espôsa em mente.

— Esta era minha idéia, também — confessou Jeff. — Eu ia telefonar para o seu agente hoje...

— Como um sujeito pode ter tanta sorte! Vender a sua primeira peça e ter um filho, tudo no mesmo dia!

Enquanto isso, igualmente nervosos, Item e Joe conversavam.

— Espero que tudo dê certo — disse ela a Joe.

— Dizem que é duro para os pais, — comentou Joe — mas ainda é mais difícil para os garotos.

— Não creio que nos lembremos de nada disso, mas bem que eu gostaria de encontrá-lo novamente, Joe, porque...

O banco ao lado de Item estava repentinamente vázio e sùbitamente ela ouviu os vagidos de uma criança. Então, quase simultâneamente, Item também desapareceu e um vagido juntou-se ao outro.

Ninguém reparou nos dois homens que se cumprimentavam num canto do corredor. Um era alto e fidalgal. O outro, pequeno e querubinesco.

— Fui designado para ser o guardião de Joe — exclamou o baixinho.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

— Ora, que coincidência! — retrucou o outro. — Eu sou o anjo-da-guarda dela!

— Então, creio que vamos ter ocasião para grandes "bate-papos". Jeff e Lydia vão fazer mais uma peça, baseada no livro dêle.

— Quem sabe, Arthur, talvez dentro de vinte anos nós dois estejamos caminhando juntos à nave de uma igreja. Afinal, elas são crianças decentes...

Neste momento, uma jovem enfermeira apareceu e apresentava uma enorme semelhança com Daphne. Quando o homem alto se encaminhou para ela, um débil badalar de sinos fêz-se ouvir.

O baixinho sorriu astutamente, quando o amigo se voltou para êle, completamente resignado.

— Deixe-me ver. Bem, falando sôbre crianças...

"CONFLITOS DE . . .

(Cont. da pág. 17)

Não há resposta. Decepcionado, êle penetra no apartamento e estaca, no limiar do quarto de dormir, tonto de felicidade.

— Ema! Você me dá cada emoção!...

Sim. Ema lhe dá emoções. E de pé, ao lado de seu carrossel, perfeita imagem da ronda do amor, o CONDUTOR experimenta por sua vez uma grande emoção. O carrosel acaba de parar, como se o mecanismo sùbitamente se desarranjasse. Que teria acontecido?

No interior do apartamento. O rapaz, a testa franzida e o olhar fixo, parece preocupado.

— Não se amofine, querido — diz-lhe gentilmente a jovem.

— Você já leu Stendhal? — replica o rapaz com voz soturna — Há em um de seus livros um caso extremamente característico. Alguns oficiais de cavalaria narram suas aventuras amorosas, e todos dizem que foi justamente com a mulher mais ardentemente desejada que lhes sucedeu... em suma... o mesmo que sucedeu a mim. Há até um oficial que confessa terem ambos chorado depois disso, êle e a mulher amada.

— Choraram?...

— Sim, de alegria. Da alegria de estarem juntos. Acho que é uma coisa naturalíssima quando se ama.

— Sim, mas há tantos outros que não choram...

— Você quer zombar? — pergunta de súbito, enervado, o jovem Alfred.

— Eu? Absolutamente.

— Quer, sim! Nem poderia ser de outro modo. Você julga isso ridículo.

— Ora, por que? Você pretende chorar?

— Está vendo? Todo o seu tom é de zombaria!

— Não diga isso. Acho, ao contrário, muito comovente que continuemos sendo os bons camaradas que temos sido até hoje.

— Isso é emenda.

Ela dá de ombros:

— Então não sei mais o que dizer...

E o rapaz:

— Pois fiquemos em silêncio. Será simbólico.

Ema consulta o relógio de Alfred.

— Alfred! — exclama ela — Preciso ir-me. Já é horrivelmente tarde.

Ao lado de seu carrossel, o CONDUTOR sorri, ergue os ombros e o clássico brinquedo recomeça a girar. Não é um simples acidente que pode interromper a ronda do amor. Basta virar a página.

O rapaz, apesar de tudo está satisfeito. A mulher honesta não disse que não voltaria. Era uma dama bem educada.

No dia seguinte dansam, ela e êle, apertados um contra o outro, ao rítmo de uma valsa.

— Amo-a — sussurra o jovem — Você voltará? Quando? Amanhã?

— Não, amanhã é domingo e meu marido não sai de casa.

★

No dia seguinte, domingo, o marido não saiu de casa. A jovem espôsa, deitada, lê «Mademoiselle de Maupin». O marido, Carlos, (Fernand Gravey), também deitado, faz as contas. A vida, em primeiro lugar, se resume em contas e um marido tem as suas responsabilidades

— Que estás fazendo? — pergunta êle à sua mulher.

— Estudo francês.

— O livro é bom?

— Muito instrutivo.

Pouco depois a jovem espôsa sente, de súbito, o olhar de seu marido a fixá-la.

— Estás hoje muito bonita — nota êle — Estás outra... Pareces uma flor desabrochando.

— E tu estás muito lisonjeiro.

Êle continua:

— 4.100 a 6%. 41 multiplicados por 6...

— Vou dormir — diz a mulher.

— Bem, então boa noite, querida.

Mas apenas ela se acomoda entre as cobertas, êle a fita e pergunta:

— Ema, lembras-te de Veneza?

— Que?...

— Da nossa viagem de núpcias. Tu sabes, nós os maridos... Quisera explicar-te uma coisa. Os maridos não podem ser eternos namorados.

— Ah?...

— Há época para tudo... Períodos calmos em que se vive como bons amigos... Depois vêm outros períodos menos calmos... Nós dois já passamos por diversos períodos, cada um de uma categoria. Isso é ótimo... porque se não existissem períodos calmos não existiriam períodos menos calmos. Compreendes?

— Está bem claro.

Se Veneza tivesse continuado em nossa vida durante cinco anos... nosso caso não teria resistido êsses cinco anos. O amor conjugal é... como direi?... Em suma, o casamento é um mistério perturbador. Vocês, mocinhas de boa família, chegam a nós ignorantes e puras. Não viveram, não sabem

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE
ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

nada. Nós sabemos tudo, mas a que preço!

Ela pergunta:

— Foste, quando solteiro, amante de alguma mulher casada?

— Que queres dizer? Conheces por acaso alguma dessas mulheres — como direi? — culpadas? Alguma de tuas amigas, talvez?...

— Não conheço nenhuma, Carlos. Como poderia conhecê-las?

— Nenhuma te fêz confidências? Não suspeitas de ninguém? Ema, quero que me jures uma coisa: que tu nunca manterás amizade com uma mulher cuja conduta não te pareça inteiramente... irrepreensível. Imagina essa horrível e constante existência de mentiras, de astúcia, de infâmia e de perigos de tôda sorte. Elas pagam caro o pouco de... felicidade, ou melhor, de vertigem, só isso e nada mais, a que se atiram em sua loucura de amor.

— Mas, afinal, tiveste algum caso semelhante?

— Uma vez, há muito tempo. Ela morreu. Aliás, as mulheres assim morrem cêdo.

— E' curioso.

— E' um fato. Existe uma justiça...

— E tu lhe tinhas amor?

— Hein?... Mas é claro que não. Por mulheres dessa espécie ninguém pode ter amor.

— E tens certeza de que elas morrem cêdo? — pergunta a jovem espôsa um pouco inquieta.

Êle apaga a luz e murmura:

— Dorme. Temos a vida inteira diante de nós.

Nada mais se ouve, dentro do quarto, senão o tic-tac do relógio.

★

O marido apagou a luz, mas a noite a reascenderá. E' mister que a ronda do amor continue. O CONDUTOR, vestido como «maitre d'hotel», conversa com Toni, que estréia no ofício. Carlos, o marido, discretamente, penetra neste momento no restaurante. O CONDUTOR já conhece a música para tais ocasiões.

Eis o marido em um gabinete particular, em companhia de uma jovem (Odette Joyeux) que, meio tímida, conserva ainda a capa e o chapéu. A jovem, uma costureira, finge compor-se ao espelho quando entra Toni. Enquanto êste vai e vem, ela prova camarões cerimoniosamente. Já livre do fâmulo, pergunta ao marido:

— Que pensará o senhor a meu respeito?

— Ora, ora, isto aqui é um restaurante. Que pensas que possa ocorrer de extraordinário em um restaurante? Não achas o ambiente agradável?

— E' rico — responde a costureira arregalando os olhos.

E os pratos sucedem-se aos pratos e o tratamento se faz mais íntimo.

— És uma pessoa dessas que logo chamam a atenção — diz a costureira ao marido.

Lisonjeado, êste pergunta

— Tu me notaste imediatamente?

— Espero que isso não te desagrade.

— Tens as mãos bonitas — murmura o marido, inebriado, beijando-lhe as mãos.

Mais um prato e o marido toma lugar ao lado da costureira.

— Já estiveste em algum gabinete particular? — pergunta êle.

— Visto que o queres saber... Pois bem, sim!

— Que franqueza — murmura o marido com um sorriso amarelo.

— Mas não como estás pensando — corrige a costureira. — Estive com uma jovem amiga e o noivo dela... Por que me olhas assim?

Quase terminada a ceia, ergue-se a jovem em busca da capa e do chapéu:

— Preciso voltar. Nem sei o que mamãe vai dizer.

— Que costuma ela dizer quando chegas tarde?

— Isso me acontece tão raramente.

— Que vais dizer-lhe esta noite?

— Não sei... Que fui ao teatro.

— E ela acreditará?

— Eu nunca minto.

E êle beija a bôca que nunca mente.

A ceia prossegue. E chega o momento em que já não há negativas. A jovem sente-se alegre, inteiramente no ar. Culpa do «champagne», talvez. Todos os discos do «pick-up» foram tocados até ao momento em que o marido pede a conta. O CONDUTOR vem atendê-lo e, já no limiar, o outro pergunta:

— Conhece a pequena?

— E' a primeira vez que a vejo.

— Bom Deus, então ela me enganou. Há alguma coisa errada em tudo isso...

O álcool já lhe sobe à cabeça e o seu pensamento se obscurece.

— Êsse "champagne"... — murmura a costureira. — Como êle me deixou...

E aproveita os derradeiros instantes para empurrar pela bôca a dentro tudo quanto pode.

— Já nem sei mais como te chamas — diz ela ao marido, engrolando as palavras na bôca cheia.

— Carlos — responde o homem.

— Breve tornarei a ver-te?

— Eu não moro em Viena. Passo aqui alguns dias, de tempos em tempos...

— Aposto que és casado.

— Por quê?

— Quando um homem confessa que não mora em Viena já se sabe o que isso quer dizer.

— E não terias remorso em perverter um homem casado?

— Eu? Que me importa? Tranqüilizo-me quando penso que tua mulher também faz com outros o que fazes comigo.

— Proibo-te que digas isso!

No interior do cabriolé ela lhe segreda, acariciante:

— Carlos, eu disse aquilo sem refletir. A tua fronte não se parece com a dos maridos enganados.

— Falemos sèriamente — prossegue êle — desejo tornar a ver-te mais vêzes. Ouve, se me puderes amar... e amar ùnicamente a mim, poderíamos instalar um ninho para nós dois. Estaríamos em nossa casa. Queres?...

★

Estariam em casa, com o assoalho bem encerado, as panelas brunidas, uma escada impecável... Sim, a costureira aprecia também tôdas essas coisas. Vai pensando nelas quando se encontra com o poeta Robert de Kuhlenkampf (Jean-Louis Barrault), a quem abraça amorosamente. Êste a introduz em seu apartamento, onde há muitos livros, estatuetas, quadros, máscaras exóticas e ainda por cima um piano. O poeta executa alguma coisa e a costureira pergunta:

— E' uma composição tua?

— Quase. Se eu fôsse compositor é certo que teria composto esta música. Ela figura na faixa da minha inspiração. Compreendes o que quero dizer?

— Não, nem sempre.

Êle continua a tocar:

— E' maravilhoso. Que frescor em minha fronte ardente!

— Mas, será possível? — pergunta a costureira um tanto ou quanto alarmada. — Todos os escritores são assim como tu?

— Todos os grandes, sim. Mas nós não existimos em grande número... Vivemos, durante o dia, encharcados de um oceano de sol. Saímos da onda e atiramos a sombra sôbre nós... como um roupão. Não, nada de roupão; é muito prosaico. Que achas?

— Eu? Nada.

— Maravilhoso! Sublime incompreensão! Um roupão... Um roupão caseiro... Como um manto de estrêlas, isso sim!

E, com um gesto largo, mergulha a pena no tinteiro.

— Não estás com sêde? — pergunta um pouco depois.

— Não, mas estou com fome.

— Preferiria que estivesses com sêde.

— Por quê?

(Cont. no próximo número)

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

P R E Ç O : — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —



ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES

de ALBERTO CONRADO
(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

UM POUCO DE TEATRO E ALGUMA COISA DE JAZZ

BUENOS AIRES, fevereiro — Segundo afirmam os portenhos, na história do teatro argentino poucos anos têm sido artisticamente mais fecundos do que o extinto 1950. O entusiasmo do público, sem deixar de encher os cinemas, tem seguido, passo a passo, os noticiários das estréias teatrais: não o esfriou o calor do verão africano que faz aqui em Buenos Aires. Nem o calor, nem o frio, nem as chuvas. Nem sequer as filas enroscadas nas vizinhanças das bilheterias. Não obstante essa fidelidade heróica, com salas repletas, cobrando-se preços altíssimos — os mais altos que se tem visto em Buenos Aires — o teatro sòmente foi negócio para determinadas companhias argentinas: aquelas que conhecem os pontos nevrálgicos das predileções portenhas.

O público — é nesta capital — como acontece em Nova York e Paris — que vai ininterruptamente às salas ao que "dá certo" — no pensar dêles.

Êsse público exige — antes de mais nada — o tempo convincente do êxito da peça teatral, com cifras também convincentes e seus correspondentes recortes de jornais, tais como se tem observado com "As árvores morrem de pé", de Casona. Foram três anos de aplausos, de filas e de invejas várias. Por outro lado, o negócio não foi tão brilhante para as companhias estrangeiras. Jean Louis Barrault, Katherine Dunham e o "Carosello Napolitano", com salas supercheias, perderam dinheiro. Em suas magnificas "tournées" artísticas não tiveram a previsão financeira e, se lograram equilibrar tôdas as fases de suas atuações, foi por mérito de inteligência e tato diplomático.

A prova está nos recitais oferecidos pelas citadas companhias em favor da Fundação Social Eva Perón, o que lhes assegurava tôdas as facilidades para seus movimentos no país. A abundância de dinheiro circulante exige imperiosamente mais teatros em Buenos Aires de 51, que possui o triplo de habitantes do que antigamente. Mesmo os inúmeros teatros chamados independentes — semelhança dos teatros de bôlso brasileiros — não chegam para receber o público, cada vez mais ávido e esfomeado do pão espiritual. E, se entrarmos a analisar o teatro argentino que vimos aqui em Buenos Aires — permitido nos seja elogiar o autor mais brilhante da ribalta platense, Henrique Suárez de Deza. Sua obra fecunda, que de pronto conheceremos novos frutos, se enriqueceu com "As fúrias", representada no Empire, "Uma página em branco" representada no Municipal, "Casa de Reis" e "Catalina não chores", que Paulina Singerman interpretou no teatro Apolo. Nesta abundante produção, com um diálogo fluido e um incisivo sentido de ironia, embrenhando-se, às vêzes, em complexos problemas metafisicos, Suárez de Deza, consegue triunfar quando a isso se propõe com seu jôgo de máscaras e rostos. Sabe, além do mais, pulsar o lírico, definir e fazer rir. Nesse teatro, que se enche de *tout la lyre* dos sentimentos humanos, revelou-se uma atriz de grandes méritos: Alba Mugica. Atriz caudalosa, avassaladora, cujo temperamento se transborda num clamor físico que crispa e fere o público. Depois de Ema Grammatica foi a artista de que mais gostamos na Argentina.

★

Parece que o jazz em Buenos Aires não anda com muito "cartaz". Durante os já três meses que permanecemos nesta capital não têm surgido novos conjuntos, cujo atrativo fôsse capaz de sacudir o torpor em que se encontra a maior parte dos auditórios; na radiodifusão, não existem programas de jerarquia (falamos de números vivos). Nem sequer uma orquestra de ases ou um grande concêrto que fizesse as vêzes de despertador na dormida sensibilidade dos ouvintes portenhos. No que respeita a gravações, Buenos Aires não estêve melhor. Não obstante, resulta compensador registrar alguns "arranjos", verdadeiras válvulas de escape, mas sempre subordinados à exigência tropical no outro lado do disco. A culpa não a possui nem os músicos nem as editôras que, afinal, são emprêsas comerciais.

Muitas vêzes, chegamos a pensar se o jazz é apreciado ou não pelos argentinos. Hoje, êles se abarrotam de boleros e outros "panos quentes". Também seria pueril afirmar-se, como o têm feito alguns músicos argentinos, que o jazz tem perdido o interêsse e que não oferece novas perspectivas. A aparição do Be-Bop abre um campo de insuspeitas possibilidades. Ou será que para êstes crânios decadentes que são os detratores do jazz, não significa nada a presença de sujeitos como Charlie Parker, Dizzy Gillespie ou Stan Kenton? Não há dúvida, que lindo momento arranjaram para desertar. Essa falta de apoio do público argentino, que pressiona sôbre a caixa registradora, se deve a que o jazz não conte aqui com grupos necessàriamente numerosos para ressurgir. E então o vemos freqüentemente coibido nos salões de baile, com tôdas as limitações que se supõe para o gênero.

Dessa forma, se a gente vai a um salão de music-hall ou a um café-concêrto (muito em voga em Buenos Aires) terá mesmo que ouvir uma "La vie en rose" ou "La Mucura".

O jazz na Argentina está assentado em dois grupos. O de Santa Anita e o Jazz Casablanca. Neste último milita Marito Consentino, grande cultivador do estilo Be-Bop, que domina de modo surpreendente. Dentre os organismos mais numerosos deve-se mencionar a Héctor, aos Santa Paula Serenaders e Vasco Sanchez como os mais homogêneos, mas não tendo êste último chegado ao nivel jazzistico dos mencionados em primeiro lugar. Uma nova modalidade parece querer impor-se em Buenos Aires no ambiente do jazz. O das orquestras de jazz com números de palhaçadas à maneira de Spike Jones. Espetáculos dessa natureza foram idealizados tão sòmente para voltar a impor o jazz na capital argentina, na necessidade imperiosa de subsistir. Nessa luta de vida ou morte têm papel preponderante as instituições Bop-Club e o Hot Club de Buenos Aires, as quais guardam zelosamente o patrimônio artístico de épocas melhores para legá-lo às gerações capazes de valorizá-lo. Para completar e documentar os nossos comentários, damos a lista dos melhores discos que se puderam adquirir durante o decorrer de todo ano de 1950. "Warte Till You See Her", de David Allen, "Lush Life", de Nat Cole, "Israel", de Miles Davis, "Somehow" e "Goodbye", de Billy Eckstine, "Liberian Suite", de Duke Ellington, "I Gotts Have My Baby Back", de Ella Fitzgerald e os Mills Brothers, "Summer Squence", "Lady Mac Cowans Drean", "I Got It Bad" e "Early Autumn", de Woody Herman, "Porgy", de Billy Holiday, "Fishin Around", de Lee Konitz, "Double Talk", de Howard Mc Ghee e Fats Navarro, "Congo Blue", de Red Norvo, "Subconscious Lee", "Judy", "Wow", "Crosscurrent", "Sax of a Kind" e "Marionette", de Tristano.

MAURICE CHEVALIER E O VAGABUNDO DE "MA POMME"

BUENOS AIRES, fevereiro — Mais do que sua caracterização de vagabundo e cantor no célebre filme "Ma Pomme" (Minha maçã), a personalidade de Maurice Chevalier é conhecida na Europa como a de um eterno boa-vida parisiense, o de "Os Miseráveis", de Victor Hugo. E' uma forma agradável de vê-lo. De ver, ouvir e aplaudir o alegre e travesso rapaz de Paris. E, agora, o presenciamos no cinema, depois daquele inverno rigoroso, ao rebentar a guerra em 39, numa "boite" da Cidade-Luz. "Ma Pomme"... c'est moi... a... ah, proclama, faz quinze anos, Chevalier sôbre todos os palcos do mundo. Vestido com seu clássico uniforme de vagabundo: calça em forma de acordeon, atada com um barbante, casaco curto com remendos, meticulosamente abotoado pela ausência de roupa interior, e chapéu achatado, desbotado pelo sol e pelo vento, por onde tem passado fêz conhecer e aplaudir êsse tipo de vagabundo-filosófico, emergido das riquezas e amante da liberdade. E Chevalier é ainda êsse vagabundo, sempre parecido a si mesmo, a quem voltamos a encontrar com prazer, no papel central dessa ligeira história que nos conta Marc-Gilbert Sauvajon no filme projetado nos salões da Embaixada Francesa em Buenos Aires. Tem-se a sensação de que Chevalier, encantado com o papel, a êle se entrega completamente. Vagabundo multimilionário, passeia ao largo de tôda a fábula, sua inverossimil conversação parisiense, seu amor à trapaça, ao engano, mas também sua profunda sensibilidade e sua compaixão para com os desafortunados dêste mundo. O filme foi feito por êle e para êle como principal personagem. Seu argumento: Um tesouro fabuloso acaba de ser descoberto num dos antigos bairros de Paris. Ao demolir uma das paredes apareceu um cofre, na propriedade do corsário Jacinthe Le Goal. O valor do conteúdo se eleva a alguns milhões de francos. Um testamento lega essas riquezas ao herdeiro direto do pirata.

Descobre-se o protegido dos deuses na pessoa de um bravo vagabundo, cujo nome é Maurice Chevalier, mais conhecido no meio dos mendigos sob o nome de "Ma Pomme". Os outros herdeiros são Madame Deply, ex-encarregada de um vestiário, cujo único sonho é "fazer saltar a banca" na mesa de jôgo do Cassino. O banqueiro Peuchat conta com o ingresso dêsses milhões para distanciar seus competidores no mercado das sêdas. Apesar de tudo, "Ma Pomme" é feliz com sua azarenta vida e não tem pressa em aceitar a providencial fortuna. Entretanto, o descobrimento de outra personagem, a quarta, o faz decidir. Trata-se de Claire, jovem aero-moça e enamorada de Jacques, estudante de arquitetura. Não obstante, o idilio não pode ter desenlace feliz por causa do escasso pecúlio de que dispõem ambos os jovens.

"Ma Pomme" se torna, pois, milionário da noite para o dia. Apartamento luxuoso, preocupações financeiras, entrevista de negócios, deliciosos manjares. Numa palavra: a vida regalada. Mas o ex-vagabundo não se sente feliz: não sòmente essa vida não lhe agrada, como também o dinheiro que caiu do céu traz-lhe várias catástrofes, assim como aos outros herdeiros. Madame Deply, depois de ter feito "saltar a banca", morreu de uma hemorragia cerebral. Sua prima-irmã, Madame Peuchat, que adora a aventura e as aventuras a perseguem com suas assiduidades. E

(Cont. na pág. 23)



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

ARROZ AMARGO
(Riso Amaro, Art-Films)

Pelicula violenta, trágica, focalizando a vida árdua e dificil de um grupo de mulheres vindas de tôdas as partes da Itália para trabalhar no Vale do Pó no cultivo do arroz. Ali, nos pantanais cheios de lama, Giuseppe de Santis expõe a sujeira de suas almas, traçando-lhes um destino amargo e cruel. Seu argumento não chega a defender uma tese e, não obstante encaminhar a história para um fim mórbido, nem sequer se importa em oferecer uma solução para o caso, deixando a trama avolumar-se cada vez mais até um desfecho cruelmente trágico, deixando que aquelas vidas sejam tragadas pelas águas barrentas do destino. Brutal, por vêzes, o filme segue uma linha crua e violenta, expondo com raro realismo o trabalho daquele punhado de gente e seus problemas. Sua câmara olha tudo de perto, com sangue frio, sem tomar uma iniciativa em sua defesa. Antes, deixa que tudo corra precipitadamente para o abismo da miséria e do trágico. Interpretações corretas de Vittorio Grasman e Doris Dowling, especialmente esta última, que é a melhor do elenco. Segue-se Silvana Mangano, mulher provocante e ultra-sensual (no filme), que dá conta do seu papel — graças a direção de De Santis. Raf Valone é um tipo que se impõe, com uma boa performance. Fotografia de classe de Otelo Martelli. Esplêndida a partitura de Goffredo Petrassi, dirigida por Fernando Previtali.

Cotação artistica: 3 — *Cotação comercial: 3 ½*

OS MALDITOS
(Les Maudits, Art-Films)

Pelicula francesa desenrolada inteiramente no interior de um submarino alemão, onde, mesmo depois de terminada a guerra, um grupo de homens resolve prosseguir a luta, não se conformando com a rendição. Argumento bem desenvolvido, com um bom cenário e uma ótima movimentação de câmara de Henri Alekan. Direção violenta de René Clement. Boas interpretações. Pelicula que agradará aos amantes do gênero. Elenco: Dalio, Paul Bernard, Henri Vidal, Michel Auclair, Fosco Giachetti, Florence Marly e outros.

Cotação artistica: 2 ½ — *Cotação comercial: 2 ½*

A VERDADE NÃO SE DIZ
(The big Hangover, Metro)

Diz-se, sim: o filme é uma droga. Van Johnson resolve ser advogado em virtude de um colega seu, que estudava leis, ter falecido durante a guerra. Van Johnson forma-se, mas sofre de alucinações, quando bebe. Coloca-se numa importante firma, apaixona-se pela filha do patrão (Elizabeth Taylor) e descobre que a firma vivia de golpes. Larga o emprêgo e vai ser advogado público, embora ganhando muito menos. Nem por isso a menina o deixa. História banal, sem fundo de veracidade, só provoca o riso das platéias fáceis.

Cotação artistica: 1 — *Cotação comercial :1 ½*

O AMANHÃ QUE NÃO VIRÁ
(Kiss Tomorrow Goodbye, Warner)

Gênero: gangster. Produção de James Cagney, êle escolheu tudo direitinho como lhe convém, inclusive um papel especialmente para o seu feitio. Por isso mesmo, o filme é todo Cagney, do principio ao fim. História inteligente e bem cenarizada, com uma boa direção de Gordon Douglas. Tema audacioso, onde são focalizados sete individuos que burlavam a lei: um sentenciado foragido, um guarda da penitenciária, um inspetor de policia, um advogado, uma mulher, um garagista, um técnico-eletricista. Estão todos no tribunal, prestando depoimento, com exceção do primeiro, vítima de assassinato, por ciúme. Dessa forma, vai sendo reconstituida tôda a história até o momento do crime, com lances dramáticos e audaciosos. Cagney domina o "cast" com aquela classe que todos conhecemos. Barbara Payton, uma lourinha novata com beleza sobrando por todos os lados, e também talentosa. Será uma futura estrêla, creiam. Os outros portam-se magnificamente. Bela fotografia e razoável fundo musical.

Cotação artistica: 3 — *Cotação comercial: 3 ½*

A CEGONHA DEMORA-SE
(My Blue Heaven, 20th. Fox)

Betty Grable mais uma vez ao lado de Dan Dailey, cantando e dançando sob o manto do tecnicolor. Ambiente de televisão, com alguns números razoáveis de dança. Parte musical fraca, com exceção do melódico que dá o titulo ao filme. Duas ou três piadas boas. O resto, só para as platéias fanáticas pelo gênero, cheio de chavões e lugares comuns. Ainda no cast estão: David Wayne, Jane Wyatt, Mitzi Gaynor, Una Merkel, etc. Direção comum de Henry Koester.

Cotação artistica: 1 — *Cotação comercial: 2*



ÁGUA INGLÊSA



ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

DAN DAILEY JR.

PEGGY DOW





NASCEU na cidade de New York, N.Y., Estados Unidos da América do Norte. Tem cabelos castanhos-claros e olhos azuis. Antes de entrar para o cinema teve larga experiência em teatrinhos de variedades e também atuou em comédias dramáticas. Inicialmente, em Hollywood, pertenceu ao elenco da Metro, passando-se depois para a Fox, onde permanece. Da série de pequenos papéis, em filmezinhos insignificantes, destacamos: «Dulcy», «O mundo é um teatro», «Lourinha do Panamá», «Se você fôsse sincera...» Na nova fase, como campeão de acrobacias musicais, ao lado de Betty Pernas, digo Betty Grable, e de outras beldades criadas por Zanuck, são importantes: «E os anos passaram», «Quando sorri o amor», «A cegonha demora-se», «Três estrêlas e um coração», «Nasceste para mim», «Um marido impossível», «Azar de um valente» e agora, novamente com a louríssima Grable está fazendo «Call me Mister», que é uma peça que obteve grande sucesso na Broadway e certamente agradará aos inúmeros fãs de revistas hollywoodenses. Dan Dailey é meio borocochô como ator, mas é uma simpatia. E' ou não é, brotinhos?...

PEGGY DOW é um amorzinho, não acham? Chama-se na realidade Peggy Josephine Varnadow, nasceu na cidade de Columbia, no Estado do Mississipi (Ol'man river, dat o'l man river...), iunaite istêites ovi amèrica... Brotinho, no duro: natalício a 18 de março de 1928... Americana, yes, mas de descendência germânica (não parece, né?) Pesa 125 libras (p'ra saber em quilogramas, consultem o compêndio elementar de aritmética) e mede 5 pés e 6 polegadas. Tem olhos acinzentados e cabelos louros (que amor, uma americanazinha lourinha que vem das alemanhas, ôba, ôba!!!) Gosta de vestir-se à francesa, de comer à italiana acompanhada de muita salada e seus atores preferidos são Barry Fitzgerald, Tyrone Power, Joan Fontaine e Lucile Ball. Fã de Stan Kenton e, por incrível que pareça, aprecia as composições do inesquecível George Gershwin. Diz o departamento de publicidade da Universal-International, em Hollywood, que ela gosta de ler e que seus autores teatrais preferidos são Bernard Shaw, Oscar Wilde, Eugene O' Neill e Maxwell Anderson. Será que o publicista não mentiu um bocadinho? Vocês acham mesmo que ela tem cara de ser leitora de alguma coisa?... Antes de entrar para o cinema Peggy Dow foi modêlo de modas e foi também secretária e recepcionista (em outras palavras, «porteira») numa estação de rádio de New Orleans. Ambicionava ser médica, mas acabou tentando o teatro e o cinema, que é mais fácil e rende mais p'ra quem tem uma carinha bonita, um corpinho abafante e um sorriso falsificado. «Batata»! Em Hollywood já apareceu em «Woman in Hiding», «Confidential Squad» e «Sangue Acusador» e vai subindo, subindo, subindo, de vento em pôpa para o estrelato. Salve, Peggy Dow!

O pilantra Howard Keel, que é um bocado simpático e tem assim uma estampa que parece reclame de camisas-esportes ou de creme-dental, é a nova maravilha das maravilhas do cinema americano. A figura física está aqui mesmo p'ra vocês aprovarem. Howard Keel é astro da Metro-Goldwyn-Mayer e vai aparecer-nos em «Bonita e Valente», com Betty Hutton, e «Os Três Xarás», com Barry Sullivan e Jane Wyman. Tenho a impressão de que vou gostar de Howard Keel. E' o tipo do «cara» como James Cagney ou como Bogart, guapo, decidido, ligeiramente risonho, e tomara que não tenha semelhança dramática com, por exemplo, os incríveis Lee Bowman, Peterzinho Lawford, Donald O' Connor e Sonny Tufts ou cavalgaduras iguais, de que Hollywood anda «empestada» ùltimamente. Howard Keel deve ser «boa praça» assim como Burt Lancaster: bom comediante e bom ator dramático. Deve ser assim. Porque, se não fôr, eu não sei, não: acho que vou desistir da profissão de biografador... Howard Keel, por favor, meu caro, venha logo e não decepcione, tá bem? Hein, nêgo, hein, «velho», não decepcione, «please»!!! Cá te esperamos também em «Amor Pagão» e «Showboat».



HOWARD KEEL



GERTRUDE LAWRENCE

É pessoal, as balzaquianas ainda são as maiores! Aí estão Bette Davis, Glória Swanson, Katharine Hepburn dando a nota!... E vocês me vêm com brotoejas? Eu sou das balzaquinas, eu sou é de Gertrude Lawrence, velhinha um bocado cem-por-cento, que deve andar pelos cinqüenta e caquerada e ainda está aqui, mais firme que o reclame da Sul América!... Nasceu no dia da Independência Norte-americana (teste para os futuros sobrinhos do Al Neto: quando foi dado o Grito do Ipirangaianque?) Mas, que azar, minha gente, ela não é ianque, não. E' de Londres, Inglaterra. Pesa 110 libras, e mede 5 pés e 3 pols. Cabelos louros e olhos mais p'ra cinzento do que p'ra azuis... Publicou a sua autobiografia em 1945. O nome verdadeiro é um concurso de glotologia: Gertrude Alexandra Dagma Lawrence Klasen & Cia. Ltda. S.A. Inc.... Começou a carreira teatral aos nove anos de idade (Ah, que saudades eu tenho, da aurora da minha vida, de minha infância querida, etc., etc., etc.) Andou fazendo cinema por um bocado de tempo, mas Hollywood sempre lhe pareceu mais ingrata e menos compensadora (artìsticamente, não financeiramente, vejam bem) do que a Broadway. Mas agora resolveu aceitar o papel que lhe deram para «Algemas de Cristal», a excelente (deve ser excelente) peça de Tennessee Williams filmada pela Warner que vamos ver dentro de pouco tempo.

música

OSWALDO DA CUNHA

MUSICISTA BRASILEIRA NO LÍBANO

EM cumprimento ao tratado cultural assinado entre o Líbano e o Brasil, em princípios do corrente ano, as autoridades desta capital enviaram a Beirut, a sra. Antonieta de Souza, diretora do Conservatório Brasileiro de Música. A sra. Antonieta de Souza que é uma perfeita conhecedora da música popular folclórica e carnavalesca está percorrendo várias capitais do Oriente Médio, inclusive Cairo e Atenas, realizando em tôdas elas várias conferências sôbre a música brasileira. Uma casa cheia ovacionou-a entusiàsticamente quando de sua primeira conferência no edifício da Municipalidade, sob os auspícios do Ministro da Educação Nacional. Pessoas de várias classes sociais aplaudiram repetidamente a sra. Antonieta de Souza que dominou a platéia, apresentando várias amostras de diferentes tipos de música brasileira. Foram apresentados trechos de ópera, música de dança, músicas populares e carnavalescas. O gênero mais apreciado de todos foi o samba, que dia a dia vêm alcançando maior popularidde nesta parte do mundo. Grande parte do êxito desta conferência deve-se ao dr. Thompson Flores, ministro plenipotenciário do Brasil para o Líbano e Síria.

NOTICIÁRIO

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

Estão abertas, as matrículas para os Cursos Livres do Conservatório Brasileiro de Música. Os interessados poderão obter maiores informações na secretaria, das 8 às 17 horas, diàriamente. A única formalidade para as inscrições nos mesmos é a apresentação de 2 fotografias 3 x 4.

UMA BIBLIOTECA PARA A ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA

Vem de ser ofertada à Escola Nacional de Música, uma valiosa biblioteca, pela Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro. Entre outras obras de real valor destacam-se as de Francisco Braga, fundador da citada sociedade. A cerimônia de entrega realizou-se no dia 30 de janeiro p.p. em sessão solene, à qual compareceram entre outros o reitor da Universidade do Brasil, dr. Deolindo do Couto, sr. Ministro Ataulfo de Paiva, sra. Joanídia Sodré, diretora da E.N.M., representantes da Sociedade, e vários outros professôres. Falaram em nome da Universidade do Brasil, o magnífico reitor e em nome da Escola, a professôra Joanídia Sodré, ambos ressaltando o valor da preciosa oferta.

A TEMPORADA EM LONDRES

Talvez o maior acontecimento da temporada musical de Londres haja sido a execução da «Spring Simphony» de Benjamin Britten, trabalho coral em que o autor usa aparentemente a esmo, poemas inglêses de século XVI ao atual.



Acha-se na Europa, em prolongada excursão artística, o insigne maestro e compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. A primeira etapa de sua excursão será Paris onde aliás já se encontra o eminente maestro. Ali apresentar-se-á na «Sala Gaveau», executando, além de várias obras de sua composição, a «Segunda Sinfonia», de Lorenzo Fernandes. A seguir Villa-Lobos, seguirá para Copenhague, Etocolmo, Madri e outras capitais européias.

O poderoso Oratório de Henegger, «Rei David», também foi apresentado e fica-se a cogitar posição verdadeiramente à sua altura dentro da sociedade coral inglêsa

Sir Thomas Beecham também introduziu três trabalhos clássicos que bem poucos da nova geração terão tido oportunidade de ouvir: a «Missa em Lá», de Schubert, a «Petize Messe Selenelle» de Rossini e o «Stabat Mater» de Dvorak.

Sempre se disse que os melhores coros britânicos são provenientes dos distritos industriais de Lancashire e Yorkshire, e o Côro do Festival de Leeds confirmou essa concepção. E' um magnífico conjunto de vozes, podendo perdoar-se sua tendência de procurar interpretar pequenos trabalhos como se fôsem grandes obras.

Pausa para meditação



ADELE JERGENS — (Warner)

A CENA muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.° 9, de 1.° de março de 1951



SUMÁRIO

Enfim, sós... (Leon Eliachar) 3

Kirk Douglas (close-up) 8

Desenvolvimento cinematográfico no sul do país 9

Apuros de um anjo (cine-romance) 10

"Cascalho", o mais discutido filme nacional 12

Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcânti de Paiva) 14

Conflitos de amor (cine-romance) 15

Indiscreções de Hollywood . 18

Três mil propostas de casamento 20

Paraíso do Be-bop (Jackson Flores) 22

Crônica de Buenos Aires (Alberto Conrado) 30

Telas da cidade 31

Arquivo (Brooklyn Jack) ... 32

Música (Oswaldo da Cunha) . 33

Pausa para meditação 34



CAPA

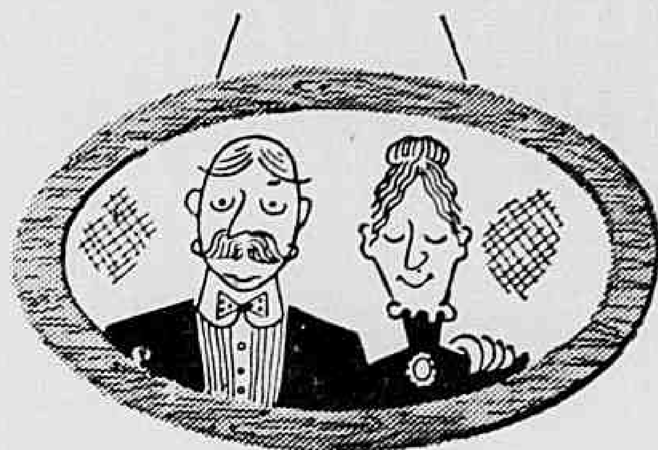
JANE RUSSEL
(R.K.O.)



A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o Licor de Cacau Dubar vem deliciando o paladar dos que sabem escolher. Peça Licor de Cacau Dubar e estará pedindo o melhor.



LICOR DE CACAU DUBAR

em ½ litro
ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood





O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua hormoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ

H-88.065